

Voz de S. Antonio



Revista mensal ilustrada

Abençoada por S. S. o
Papa Leão XIII pe-
lo Ex.^{mo} Ordinário
e varios Prelados.

N.º 9

SETEMBRO
SÉRIE 4.^a
8.º anno

Baillier

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO: — *Correcção d'um peccado inconsciente d'um mestre-escóla; — O suicidio; uma acção de somenos, um acto de coragem, um heroismo.*

Hoje leitor a nossa cabaqueira mais que ligeira será ligeiríssima e semsaborona como nunca.

Começemos já sem prologo e sem mais comprimentos.

Terás ouvido fallar muito em suicidios pelas folhas do paiz. Ficas espantado não é verdade? Eu cá não. Um homem sem religião é capaz de tudo e como na época que atravessamos saber ser christão é estranheirismo em Portugal, enxameam os duellos, os roubos individuaes e do Estado, homicidios e os suicidios, etc.

O que me faz mais repugnancia é vêr que certos immoralistas resistem a tentação de suicidar-se para virem para os jornaes defender sempre ou ao menos em algumas circumstancias este crime abominavel.

Temos para exemplo aqui um trecho d'um pequenino artigo escripto n'uma revista que já valeu alguma coisa e que hoje é palheiro para todo o pobre. Como é destinada ao professorado e o assumpto é de actualidade o leitor dá-me licença que entabule conversa com o Mestre-Escóla auctor da tal coisa que é como segue:

«Têm os moralistas inutilmente investigado... se o caso constitue uma *prova de coragem*, como asseveram uns, ou uma deprimente cobardia como affirmam outros; se é um crime como diz a religião, ou *uma simples má acção* como insinua a moral. Jacques Rousseau condemnando-o na generalidade, legitima-o todavia em circumstancias especiaes; Luttré apenas o attenua n'essas condições excepcionaes; Émile Sainet condemna-o absolutamente.»

Têm os moralistas inutilmente investigado... então não sabemos se o suicidio é um crime ou não, sr. Mestre-Escóla!

Mas que moralistas tem inutilmente vertido os seus suores n'esta investigação?

Se os moralistas do meu amigo são os immoralistas Rousseau e Luttré e outros do mesmo farelo então, inutilmente investigaram e investigarão, suaram e suarão até deitarem pela mioleira fóra a massa encephalica, porque essa gente sr. Mestre como não tem principios scientificos, mas arboram-se elles em principios, como não se firmam na sciencia uns fazem elles a sciencia, acontece que cada um faz a sua e d'aqui a haburdia entre uns e outros como cachorros á pia disputando a dentada de quem será o pedaço do osso. Já vê que nas moraes d'estas seus moralistas não haverá acção que seja um crime.

Mas oraçõra se o sr. Mestre-Escóla por moralistas entender quer os auctores catholicos, quer os philosophos, que têm probidade scientifica, isto é os miolos no sitio, então o caso é muito outro.

Ora leia-os:

Todos mais ou menos, aqui tira acolá põe dizem isto:

O suicidio é um attentado contra a lei natural. Isto é facil de explicar e de entender.

Repare o meu amigo como toda a casta de seres procura a conservação propria: os vegetaes germinam, crescem, e expandem-se livremente na atmosphera; os animaes tem todos meios de defeza, para se livrarem das garras dos seus similhantes.

Veja por exemplo como cacareja a gallinha para que lhe acudam e aos seus pequeninos quando o milhano apparece no ar, como dá ás de villa diogo o gato, o coelho, etc. quando presente cão. O animal racional, esse ainda é mais cuidadoso em estudar o modo de conservar-se: veja o que para ahí vão de

medicos e cirurgiões, e curandeiros, quantas pharmacias, boticas, drogarias e drogas; por este andar chegaremos a tempo de cada casa ter um medico e de cada familia uma botica; quantos compendios de Therapeutica e Hygiene se não publicam todos os annos, quantos especificos annunciados por esses jornaes para isto e para aquillo; e se o sr. Mestre Escóla é professor na aldeia, veja como andam as velhinhas aqui e acolá a arrancar raizes de mil castas, flôres de todos os tamanhos e feitos para curarem os seus catarros, para combater as dôres de barriga aos netos, e para levantar a espinhella caída aos filhos. E o que quer dizer todo este afan? que aucta pela vida, a conservação da existencia é um instincto natural, uma propriedade inoculada na essencia de todo o ser creado, que é um principio de lei natural.

Um suicida pois que renega da sua existencia tirando-se a vida, commette um grave attentado contra a lei natural, é um criminoso.

Isto é claro não acha?

Mais dizem os philosophos:

— E' um attentado contra Deus o suicidio.

O sr. professor sabe perfeitamente que o homem não se creou a si mesmo, mas que foi Deus que nos deu tudo, que tudo nos dá e tudo nos dará, de sorte que a nossa vida, dom é da sua benevolencia. Mas note o meu amigo que este dom e todos os mais, são do dominio absoluto de Deus, e nós não temos mais que o usufructo d'elles. O sr. Mestre não arrendou a qualquer brasileiro da sua aldeia uma casa, um campo, ou um quintal? E pode dispôr d'elles? certo que não porque não tem dominio sobre o que não é seu. Pois o homem é para com Deus o que o sr. Mestre, é para o seu senhorio: é um arrendatario de si mesmo, que não pode dispôr de si sem offender os direitos de Deus.

O suicida, como vê o meu amigo commette um fructo sacrilego roubando a vida não a si, mas a Deus, seu verdadeiro possuidor.

E' obvio, o meu amigo, é que se não lembrava; supponho até que a cartilha do abbade de Salamon de falla n'isto, o sr. Mestre, é que a não tem folheado.

Accrescentam ainda os philosophos — para convencer a gente dos segredos mais occultos da sciencia, não ha como estes homens.

Ora ouça e verá.

O suicida pecca gravemente contra a sociedade. Tambem é facil de entender.

Ora supponha o sr. Mestre que tinha um filho a quem preparava para ser o seu successor na escóla, o ganha pão o esteio da sua familia numerosa, e que um dia mal azado seu visinho lh'o matava. Ora diga-me: não commetteu o homicida de seu filho um grave roubo a si e a sua familia? e se suicidasse seu filho não era réo do mesmo crime? sem duvida. Pois a sociedade é uma grande familia, e que carece da coadjuvação de cada filho, de cada individuo, e o suicida matando-se rouba á sociedade um membro, um filho, que era elle mesmo.

Para mais clareza supponha o amigo que se propunha o suicidio como uma acção indifferente, e por conseguinte cada individuo tinha a liberdade de privar-se da vida; o que aconteceria? que a sociedade desappareceria, como um edificio, cujas pedras se tiram uma a uma. E ainda que na pratica, nem um terço da sociedade se aproveitaria d'este direito comtudo o principio theorico da liceidade do suicidio leva nos a esta conclusão.

Accrescentemos ainda que o suicida rouba á sociedade um exemplo de resignação, que lhe era bem necessario e que ella exige d'elle.

Não acha claro sr. professor?

Os moralistas christãos dão ainda uma prova que não é para desprezar. Dizem que o suicida é um blasphemo.

Comprehende se bem. Matar-se um individuo

Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

SUMMARIO

- S. Antonio e o alcoolismo.
 I Parte — *Secção Doutrinal*: A arca de Noé. — Santo Protector. — A Caridade. — Indulgencias, etc.
 II Parte — *Secção Historica*: A Ordem Terceira de S. Francisco em Aveiro. — Pensamentos. — Anecdotas.
 III Parte — *Leituras Amenas*: Mike.
 IV Parte — *Culto de Santo Antonio*: — Noticia do Pão de Santo Antonio em Torrefeita (Vizen). — Ribeirão Preto (Estado de S. Paulo). — Braga. — Cerva — Vinhaes. — Forres Vedras. — Villa-Flór. — S. Bernardino. — Livramento (Mafra). — Os cofres. — Movimento da Pia União (novos associados) Recommendações. — Os nossos defuntos.
 V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria*: Um livro. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
 VI Parte — *Chronica Universal*: Roma. — Portugal, França, etc.
Gravuras: Irmã da Caridade. — Maria do Carmo. — Ascensão do Balão Santos Dumont. — Dumont no meio dos seus amigos.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. *Universal* — Augusto Costa & Mattos.

S. Antonio e o Alcoolismo

Todos reconhecem o perigo: jornaes, folhetos, revistas; formam-se ligas para crear uma agitação util e benefica. Parece que todos são de accordo e todavia o interesse d'uns a fraqueza ou timidez de outros, até escrupulos respeitaveis d'um grande numero, emfim a apathia ou inclinação secreta do publico tem promovido protestos mais ou menos azados para estorvar uma reacção anti-alcoolica.

Ora o alcoolismo não affecta sómente o individuo offende tambem a sua posteridade e por isso estende os seus estragos ás gerações futuras, compromette a segurança publica incitando á violencia ou ao crime, povoa hospicios, asylos de alienados e prisdões, destroe a familia, augmenta a

mortalidade, attinge a natureza nas suas forças essenciaes, nas ascenden-
 cias da vida.

E' preciso não confundir embriaguez com um caso isolado de excesso. Aquella suppõe a reiteração dos casos.

E' a divulgação e a declaração do alcoolismo.

Embora haja uma questão de temperamento pode o individuo alcoolisar-se sem saber; basta tomar com excesso, isto é, mais do que o organismo póde supportar, bebidas alcoolicas.

Não se quer dizer com isto que toda a gente deva beber só agua, leite ou chá. *O alcoolismo é o abuso ou o uso continuo do alcool*: alcool sob todas as suas fórmãs, licór, aguardente, cognac, etc.

Deve fazer-se uma menção especial do *absintho*. Este muitas vezes é o deposito determinado de restos de distillação de muitos outros licôres; para não perder estes residuos

de caldeiradas ricas em alcool, saturados de todas as essencias imaginaveis, utilisam-nos na preparação do absintho, que disfarça muito bem os seus perfumes variados e dão assim, addicionada agua, o ideal do bebedor, uma emulsão mais branca e mais espessa ainda. Algumas gottas d'absintho lançadas n'um frasco onde haja peixes vermelhos mata-os em algumas horas.

Seria um erro grosseiro acreditar que as aguardentes naturaes são inoffensivas; são tão nocivas umas como as outras, contéem as mesmas impurezas, é impossível rectifical-as; porque como diz o sabio M. Guillemain «rectifical-as é destruil-as».

Muitos prejuizos temos que combatter n'esta materia.

1.º *O alcool*, diz-se, conforta o organismo, fortifica-o. A verdade é que sobreexcita a sensibilidade até á dôr lancinante; corroe, desorganisa o systema nervoso, diminue a força de resistencia. Queima, endurece, atrophia os órgãos: o estomago, o figado, os intestinos, coração, pulmões, arterias, os musculos, os nervos, cerebro contrahem-se sob a sua influencia.

Basta observar que um centigramma de essencia de cognac injectado em um cão da Terra Nova é sufficiente para o matar em onze minutos.

2.º *O alcool é um digestivo?* Julgal-o é um erro absoluto; porque a sua introdução produz ãma excitação passageira nefasta ao bom funcionamento dos musculos estomacaes, pois o alcool insensibilisa depois de as ter incitado, as paredes do estomago.

3.º *O alcool é um aperitivo?* Não, pois que produz simplesmente no estomago uma sensação dolorosa tomada illusoriamente por fome.

4.º *O alcool será um alimento?* não.

O calorico que incita não influencia salutarmente na acção muscular.

5.º *O alcool aquece?* Um engano. Determina um affluxo brusco de sangue á pelle e um arrefecimento geral.

6.º *O alcool é um estimulante?* Em nenhum caso, porque estorva a actividade physica chegando a deprimir a actividade intellectual.

7.º *O alcool livra de contagios?* Pelo contrario enfraquecendo o organismo, favorece a acção perniciosa e a infecção de microbios.

De tudo isto deriva uma conclusão certa e essencial que se pode formular assim:

O alcool traz necessariamente consigo uma decadencia physica, intellectual, moral do individuo e por isso da raça; e assim esta questão interessa o individuo a familia e a sociedade inteira.

I — *O Individuo.* — Do alcoolismo derivam: a dyspepsia, a pituita, a paralyisia o *délirium tremens* a cirrhose do figado; esta ultima é a classica do bebedor.

A morbidez e a mortalidade, augmentam em formidaveis proporções nos alcoolicos. Assim no hospital Bichat, M. Barbin verificou que 88 % dos tuberculosos eram alcoolicos.

A alienação mental é um resultado frequente do abuso do alcool. Em 1890 em Paris no hospital de Saint-Anne 35 % dos doidos eram alcoolicos.

O alcool contem principios impuros como o acetónia, alcool buthylico, propylico, amylico, furfurool, que actuum d'uma maneira funesta no cerebro.

O doutor Baer de Berlim verificou que o numero de alienados está em proporção quasi directa com o numero de tabernas ou vendas de aguardente; 11 % dos suicidios não tem outra causa.

II — *A familia.* — O alcoolismo quebra a união conjugal, causa a pa-

ralysia, o aniquillamento da ternura fraternal e do respeito filial. Diminue a existencia, enfraquece as qualidades da raça, abaixa o nivel intellectual.

Examinadas 215 familias alcoolicas, 108 creanças tinham os defeitos hereditarios da primeira geração, má formação de craneo, asymetria de faces, strabismo, surdez, mudez, cegueira congenital, anomalias dentarias, e desviações vertebraes. A outra parte 196 eram atacados de degeneração psychica: notaram-se 106 casos de alienação, 52 de epilepsia, 16 de hystero-epilepsia 3 de dança de S. Guido, 39 de convulsões, 63 de desequilibrio, 3 lunaticos e 33 de debilidades mentaes.

Entre aquelles mesmos que pareciam indemnes achava-se muitas vezes um gosto pronunciado pelas licôres fortes que satisfazendo-se não tardava a converter-se n'um alcoolismo hereditario.

O alcoolismo é pois, individualmente e hereditariamente um agente do *suicidio, da loucura e do crime*. Basta citar Musset, Hoffmann e tantos outros cujas soberbas intelligencias envelheceram lamentavel e prematuramente.

III — *A sociedade* — Eis uma grave questão moral. Uma questão de responsabilidade urgente e grave. *A questão da intemperança é a base de toda a reforma politica e social*. Podia-se sobre este ponto escrever um volume.

Apesar da evidencia d'esta verdade não deixa de ter o alcoolismo numerosos partidarios. Appella-se para a inviolabilidade do domicilio, para a liberdade individual e para a propriedade.

Mas estes appellos não devem illudir-nos nem estorvar-nos outras medi-

das de repressão. O individuo não vive só para si, vive para a familia e para a sociedade.

Todos os dias em nome do interesse geral se dá restricção a estes direitos individuaes. Ha n'isto um problema cuja solução a todos interessa.

Olhemos por exemplo para a França.

A media annual de alcool consumido pelo individuo, se todos fizessem uso d'elle, seria de 4 litros e 4; no Seine-Inferieure é elevada a 12 litros e 75; em Some a 10,43 em Aisne a 9,65 no norte a 9,43.

Em 1850 regulava por 940:000 hectolitros approximadamente, e estes ultimos annos subia a mais de 2.329:000. A somma total *com as bebidas ditas hygienicas*, prefaz uma média de 14 litros e 59 por 100. Ora em 1855 era 1 litro e 50.

Segundo o *Matin*, a despeza ordinaria do operario normandô em bebidas alcoolicas é de 875 reis e de comida 240.

Em 1880 havia 35:000 tabernas; hoje ha 500:000 sem contar as da capital.

Em Portugal a estatistica não é relativamente muito inferior á de França. Nos arrebaldes das nossas grandes cidades e villas de mais movimento talvez a sobrepuje. Em logares de pouco mais de 50 fogos chegam-se a contar 6 e 7 tabernas. Isto é muito commum no centro e sul de Portugal.

*

Os *remedios* são do dominio legislativo e do dominio *moral*. Preconise-se o monopolio como na Russia, exija-se a abolição do *privilegio dos distilladores*, a abolição da *liberdade das tabernas* e a *prohibição do jogo* nas

mesmas, como na França; zele-se o imposto do real d'agua, impossibilite-se o fabrico alcoolico dos cereaes, carreguem-se de impostos os negociantes do alcool de vinho, como entre nós; legisle-se sobre esta materia mais ou menos rasoavelmente estas medidas legislativas podem ser excellentes, mas o unico meio de estorvar a inundação alcoolica, que tão pessimamente influencia na sociedade, são os remedios moraes.

Antes de legislar é necessario moralisar. Quando o individuo conceber claramente o perigo physico, individual e social do alcoolismo, quando tiver pela educação christã a convicção intima do crime moral que elle encerra por si mesmo, sem a violencia legal fugirá do alcool. E' mais poderosa a boa vontade que violencia da lei.

Nunca chegaremos a resultados praticos n'este ponto tão importante para as familias e para a sociedade sem a moralisação christã, propagada pelas escolas, pelas familias e por todo esse grande numero de instituições religiosas que mercê de Deus se vão espalhando bastante, principalmente pelas instituições antonianas.

S. Antonio é o Santo do universo, o iman das sympathias do mundo christão, as suas instituições recrutam em toda a parte dia a dia milhares de adeptos. Não parar n'este fervor christão eminentemente civilizador, eis o dique a oppôr á torrente alcoolica que tão vertiginosamente perde a nossa raça tão decahida já.

N'esta campanha a iniciativa deve partir do Clero, dos catholicos zelosos e principalmente dos Terceiros e associados da Pia-União.

Olhem os catholicos Portuguezes para o exemplo de Ireland e Gibbon

na America, para Manning na Inglaterra, para Padre Matheus na Irlanda, para Mgr. Cgger de Saint-Gall, esses nobres campeões da campanha anti-alcoolica. Não deixemos chegar a nossa patria aos extremos a que se chegou lá fóra.



Secção doutrinal

A arca de Noé

O Diluvio e a Escriptura

NA hypothese universalista a inundação foi tão prodigiosa que não deixou em secco um logar sequer do nosso globo, cobrindo inteiramente as montanhas mais elevadas:—o proprio Gaurisuakar ficou inundado com toda a cadeia do Hymalaia, não obstante os seus 8:840 metros d'elevação!

Seria curioso dar aqui á publicidade as theorias extravagantes que os velhos commentadores conceberam, afim de explicar tão extraordinario cataclysmo. Bastará que fique dito, que se abalavam com tremores de terra os pilares das cavernas subterraneas de modo a pôr os montes ao nivel das planicies, se deslocava e eixo da terra para produzir fluxos e refluxos gigantescos correndo pelos continentes e um terceiro sob sua *unica responsabilidade* fazia roçar um cometa pelo nosso globo que trazia na cauda agua bastante para tudo submergir, etc. Eram todas explicações imaginarias, fundadas por vezes n'uma falsa cosmologia e se eram meios naturaes, eram tambem todos naturalmente impossiveis.

Comtudo, temos de ser justos. Abordamos uma questão que não pode ser discutida aos encontrões, defendida como foi por homens cujo genio se impõe ao nosso respeito e admiração. De resto, não discutimos uma causa, apenas fazemos uma exposição, bem succinta e imperfeita a nosso pesar, do que ultimamente se tem debatido e escripto sobre a materia.

O nosso empenho está todo em mostrar a liberdade em aceitar um diluvio restricto, ainda emquanto á humanidade, apro-

veitando-nos do silencio da Egreja e nada mais. Se o que julgamos seguro hoje, fôr amanhã por ella contradicta, receberemos com alegria o seu ensino, porque teremos a certeza de ter alcançado a verdadeira significação do texto, que anciosos buscavamos.

Trata-se de buscar e conhecer o pensamento de Noé e n'essa empreza corre-se perigo constante de illusão e de passos em falso. Não é um facto susceptivel de verificação experimental, nem foi julgada pela auctoridade doutrinal; estamos, pois, reduzidos a conjecturas. Procuremos precisar a letra dos textos biblico e patristico que occultam a verdade religiosa; sobre elles debatem-se tres opiniões, todas respeitadas pelas auctoridades que as apoiam, mas sendo a verdade uma, só conterà a significação positiva a que fôr coherente, racional e satisfazer a intelligencia.

Vejamos, portanto, a posição do exegeta universalista em face da inundação. Devemos concordar que a massa d'agua precisa, não se apresentava muito á mão. Contudo, criticos houve que quizeram ver no diluvio o effeito de chuvas torrencias. Tal explicação, exclusiva como era, não bastava. Conhecia-se a somma d'agua cahida nas chuvas mais torrencias e ainda multiplicando-a por dez calculou-se que não forneceria mais que 500 metros d'agua, quando era forçoso elevá-la a 8:000 pelo menos.

Esta insufficiencia reconheceu-a Moigno, um dos sabios que nos ultimos tempos com maior ardor combateu em favor da these universalista (e que regeitava, pelo menos em nome da Escriptura, a invasão dos mares pelas terras) só a crendo aceitavel quando se suppozesse posterior ao diluvio o levantamento das maiores montanhas. E Moigno não se contentava só com este recurso; não lhe pareciam ainda bastantes n'estas condições as chuvas conservadas na atmospherá sob o estado de vapores e lembrava os vulcões d'agua e as aguas dos espaços interplanetarios, cuja existencia era accusada pelas ondas d'hydrogenio lançadas a distancia pelo sol.

Não sei o que a sciencia do espaço pensa ácerca d'este ultimo recurso, mas se não fôr problemática a sua existencia, é pelo menos bem extraordinaria e maravilhosa a sua intervenção nas cousas do nosso planeta. Constituiria um facto anormal e unico, que não auctorisa, querendo. O que prova-

rá é a unanidade da these, que se refugia no desconhecido quando pretende a explicação d'um facto.

Muitos commentadores recorriam ao levantamento dos terrenos, ao menos como causa secundaria d'este acontecimento. Este duplo recurso seria em parte satisfatorio, se concebesses esse levantamento simultaneo em todos os mares; a acção combinada dos mares produziria, talvez, energias bastantes para arrojarem as aguas pelos continentes. Mas quem não sabe que a geologia julgou esta hypothese, e que o estudo da formação e levantamento das cadeias de montanhas accusa epochas muito diversas?

O «euntes et redeuntes» da Biblia, esses dois termos com que Moysés exprimia o fluxo e o refluxo das aguas, accordou nova hypothese no pensamento dos exegetas. O levantamento simultaneo estava condemnado, e era forçoso dar uma explicação de tão tremenda inundação.

Os dois mundos não foram simultaneamente alagados pelas aguas, disse-se—estas foram successivamente internando-se pelos continentes, inundando tudo. O texto da Escriptura dil o claramente quando annuncia o movimento violento das aguas. . . Esta opinião não logrou todas as adhesões: longe de lhe encontrar apoio no Genesis outros viram n'ella a sua condemnação formal.

O diluvio, dizem, durou apenas 40 dias, segundo o proprio texto, e esse espaço é breve em demasia para as aguas correrem d'um a outro extremo do globo.

Não sei se novas theorias tem sido propostas nem o que o universalismo geographico tem para responder a estas considerações que lhe são apresentadas pelos seus contradictores. O que sei é que todas estas difficuldades se desvanecem, apenas limitamos a extensão geographica do cataclysmo. Comprehende-se bem que as aguas accumuladas n'um ponto se elevem por forma a cobrir alguns montes visinhos e a produzir uma inundação parcial.

Então já não é necessaria a intervenção particular de Deus para guiar os animaes privados de rasão até á Mesopotamia. A unidade do centro da creação, ainda nos tempos primitivos, condemnada pela paleontologia não tem mais rasão de ser. E' inutil já trazer a um novo sol animaes que pereceriam certamente fóra da sua região natal,

tornando inutil a precaução da arca de Noé, etc., etc.

O encontro de conchas nas elevações e longe dos mares e que por tanto tempo serviu de prova inegavel d'uma inundação diluviana, não prova hoje nada, senão o levantamento dos terrenos e o desvio lento do leito dos mares. Nenhum geologo vê n'essas conchas vestígios do diluvio, tanto mais que acima d'um dado numero de metros não se encontram taes depositos.

Mas, como entender os termos geraes e absolutos do Genesis? toda a terra, todos os homens, todo o ser vivente — omnis caro, universa terra? Estes termos falam de universalidade, repellem toda a restricção. Todos os padres da Igreja, theologos abalissados, auctoridades veneraveis e venerandos, n'uma palavra, toda a Tradição e Exegese antiga, todos *una voce* constituem um protesto eloquente contra tal interpretação. E o testemunho dos padres, pelo menos, attendendo á sua unanimidade, equivale a um ensino dogmatico e não se pode ficar fiel filho da Igreja repellindo-o assim.

Mostraremos por partes a legitimidade d'esta hypothese tal qual foi ultimamente posta e que nada parece impedir a sua passagem livre nem a Escripura, nem a Tradição, nem a Sciencia, antes a parecem exigir. Estudemos a Escripura e procuremos lê-la despreoccupadamente.

A narração diluviana tal qual se acha exposta no Genesis, parece datar de Noé: ao menos é isto o que suggerem as modernas descobertas. A noticia d'esse facto teria depois chegado até Moysés completa e inalterada quer sob forma de lenda, quer em documento escripto ou mesmo corrompido, servindo-lhe a inspiração para o expungir dos erros polytheistas ou anthropomorphicos que a tivessem alterado.

Qualquer porém que fosse o papel de inspiração n'este ponto, o que tudo leva a crêr é que essa lenda *date de Noé*. Querendo, portanto, lêr com exactidão o texto em questão, será necessario estudar não só a indole e o genio da lingua em que foi escripto, mas vérificar e procurar saber com approximação ao menos os conhecimentos geographicos e zoologicos de que dispunha o seu auctor, sob pena de o fazermos dizer o que não tinha nem poderia ter no pensamento.

Sendo esta uma das regras de boa her-

meneutica, vemos que os conhecimentos geographicos e naturaes de Noé—simples pastor—teriam muito menor extensão que os de Moysés, educado na côrte dos pharaós. Não só o meio, mas a epocha mesmo em que viveram estes dois vultos da historia biblica são muito distantes, e a geographia e as listas zoologicas iam crescendo de seculo para seculo. Noé, attendendo á sua vida particularista nunca poderia conhecer não digo o Novo Mundo (para nós só conhecido no seculo XV ou XVI), mas nem ainda talvez as regiões que haviam acolhido as emigrações de seus antepassados.

Falando, pois, d'um diluvio universal só poderia referir-se aos paizes circumvizinhos, aos montes e animaes conhecidos; a submersão havia sido universal para o mundo, por elle visto ou conhecido quando muito.

Interpretar d'um modo diverso é exigir que Noé nos cinco mezes que vogou na arca fosse ao Everest e d'ahi navegasse para o Nevada de Sorata a vérificar pela comparação das duas montanhas que todas as outras se deviam achar cobertas d'agua, é ingenuidade. Ainda se corresse os mares em navio... mas n'uma arca que mal boiava ao sabor das aguas...

Os termos geraes de que Noé ou mesmo Moysés se serviu não embaraçam quem conhece a linguagem oriental, viva, animada, hyperbolica. Estes caracteres excedem por vezes toda a medida: é lêr os prophetas, sobretudo quando fulminam as ameaças de Jehovah.

Então parece que nada no mundo subsistirá: todo o creado vae desaparecer deante da colera de Deus. «Auferendo auferam omnia a facie terrae auferens hominem et pecus, volatilia caeli et pisces maris et disperdam homines á facie terrae.»

Este primor de estylo oriental encontra-se nos primeiros versos de Sophonias; as termos em que são annunciadas as vinganças divinas não são menos geraes que os que predizem o diluvio: são até superiores em energia. Nada ficará, os peixes, os animaes, todo o homem sentirá o peso da mão de Deus, tudo desaparecerá. E comtudo os acontecimentos não corresponderam á grandeza das ameaças, antes soffreram uma enorme restricção.

Os Livros Sagrados estão cheios de identicos exemplos, em que os termos geraes são empregados por termos particulares.

Fallando da fome que reinou no tempo de Jacob, diz-se ahí que reinou em todo o orbe e todas as provincias corriam ao Egypto a comprar mantimentos; esta fome universal não foi além das provincias conhecidas dos Hebreus certamente. De Salomão se refere no livro dos Reis que todos os povos corriam a visital-o e Nosso Senhor refere pela bocca de S. Math. que a mesma rainha de Saba occorreu dos confins do mundo a vêr o seu rosto, quando muito provavelmente veio apenas do sul da Arabia, etc.

E' ocioso proseguir n'esta exposição de hyperbole porque todos conhecem ser esta a indole da lingua oriental; o que, porém, se discute é que essa restricção seja legitima no texto que contem a narração do diluvio. Exige-se para isso rasões exegeticas e que do contexto se deprehenda ser esse o pensamento do escriptor.

Esta exigencia não me parece legitima.

E' uma pretensão que não se justifica querer que o texto biblico exprima restricções e declare que tal e tal povo é excluído, ainda quando fosse pedido para obter comprehensão clara e exacta da verdade...

No livro de Esther lê-se que Assuero fez tributaria toda a terra, todas as ilhas do mar. Quem conhecesse o poderio persa n'aquella epocha e desconhecesse ao mesmo tempo os limites do imperio, em face do texto biblico não teria duvidas em crêr que de facto todos os povos da terra eram tributarios de Xerxes. E comtudo, não era assim. O imperio persa embora immensamente extenso estava longe de abraçar os dois mundos. Mas como sabemos isto? pela Escriptura? Longe d'isso, pela historia profana e só por ella.

Os escriptores e commentadores antigos faziam sciencia pela biblia, hoje é o contrario — as descobertas das sciencias humanas é que vão projectar luz sobre a Biblia, afugentando as sombras do erro. Na questão pendente tambem a solução verdadeira, o conhecimento exacto da Escriptura está reservado á sciencia moderna. E' por isso que com ella argumentamos, apoiados nos principios d'uma boa hermeneutica.

Ponha-se ainda a narração do cap. 2 e vers. 52 dos Actos, na epocha em que Noé viveu. Em Jerusalem achavam-se reunidos homens de todas as regiões que se acham sob o ceu. Affirmação crível. Quem hesita-

ria um momento em suppor que por uma moção divina fossem dirigidos n'aquelle dia homens de todas as regiões á cidade deicida, theatro de tantos acontecimentos assombrosos, a receber a nova lei prégada pelos apóstolos e a leval-a a seus paizes? Que de mais justo e racional? E o contexto não faz restricções; e sendo assim porque é que os exegetas nunca pretenderam que ahí estivessem Neo-Selandezes? Porque era obvio; e comtudo este facto era menos extraordinario que uma inundação universal e a entrada de todas as especies animaes na arca.

Todo o contexto, tudo levaria a crêr que de facto homens de todas as raças se encontravam em Jerusalem e que o imperio persa se extendia universalmente, e comtudo tal interpretação seria falsa. O silencio do contexto, pois, na nossa questão senão accusa restricção, tambem a não impede.

Não é elle que nos ha-de dar a chave do enigma, mas a archeologia, a antropologia, as sciencias humanas n'uma palavra.

(Continúa)

LEAL.



Santo protector para o mez de outubro

S. Pedro de Alcantara. — Mais para admiração que para modelo vamos delinear o busto de S. Pedro de Alcantara, cuja penitencia austerrissima e vida contemplativa pasmou a Ignacio de Loyola, a Francisco Xavier, a Francisco de Borgia, a Thereza de Jesus, a João da Cruz, a João de Deus, a Thomaz de Vilanova, a Luiz Bertrand, a João de Avila, a Pedro Baptista, a Pascoal Bailão, a Francisco Solano, a Salvador da Horta e a outros muitos vultos de santidade venerados nos nossos altares, e contemporaneos e patricios do Penitente Franciscano.

Alcantara, villa da Extremadura hespanhola, na fronteira de Portugal deu-lhe o berço. Nobres pela ascendencia e mais ainda, pelo character, pelo coração e pela virtude eram seus paes.

Nasceu com elle o germen da virtude que germinou haste, flores e fructos desde os mais tenros annos. Aos cinco já orava com fervor extatico.

Um dia seu pae manda procural-o. O creado encontra-o em oração. Chama-o, torna a chamal-o; pega-lhe no braço, insta, e a creança sem dar de si. Noticia o passado ao amo, que ordena que d'ahi em deante nunca estorvassem o pequeno quando orasse.

O epitheto emphatico de Menino Santo porque era conhecido na villa, diz nos qual fosse a sua mansidão, doçura e modestia infantil.

Por mandado do seu padraсто foi cursar sciencias para Salamanca. Tinha então quatorze annos.

O estudo em que se avantajou, e a oração eram os seus cuidados na universidade. Foi n'este tempo que sentiu ardentemente a vocação religiosa. Por dois longos annos resistiu á voz da consciencia. Aos dezaseis entrou na Ordem de S. Francisco. Deus approvou com um prodigio a resolução do santo joven.

La Pedro em demanda do convento de Manjarés. O rio Titar cujas aguas trasbordavam do leite estorvam-lhe a passagem. Põe-se em oração, e passados instantes ao terminal-a encontra-se, sem saber-lhe a maneira, da banda d'alem.

Não cabe aqui a innumeração sequer das virtudes e piedosas praticas d'este prodigio de santidade.

Brilharam em Pedro de Alcantara de um modo distincto a penitencia e a contemplação.

Entre os penitentes da Ordem Franciscana Pedro foi talvez o mais celebre. Flagelava-se antes de matinas e ao romper da manhã, com disciplinas de ferro. Um cilicio de aço macerava-lhe a carne continuamente.

Tomava hora e meia de descanso sobre a terra nua, reclinado sobre um cepo de madeira. De inverno dormia com a porta e janella da cella aberta, e nas noites de geadas mergulhava-se muitas vezes, por longo tempo n'um tanque gelado. O anno era para elle uma quaresma unica. Pão duro e algumas ervas eram o seu alimento.

Para distinguir as muitas quaresmas que jejuava tomava durante esse tempo uma refeição de tres em tres dias. Perdeu por tal fórma o paladar que não apreciava os sabores mais opostos. Amargos e doces, frios e quentes, salgados e insossos, para o seu gosto era tudo o mesmo. Uma só tunica, remendada muitas vezes, era o seu habito, que só deixava para trocar por outra mais usada.

Um dia um frade dominicano encontra-o no horto em pannos interiores, e estranhou-lhe a acção.

— Não vos escandalizeis, irmão, o Evangelho é que tem a culpa em me mandar usar só aquella tunica, que acolá está a enxugar.

Este regimen austerissimo chupou lhe o corpo. Pedro parecia um esqueleto ambulante; ou no dizer de Santa Thereza, um feixe de raizes secas. Mas o penitente estava apostado em egualar-se a Christo no soffrimento, e não desanimava no seu intento. Encorajava-o a oração contemplativa e o recolhimento continuo, na paixão do Salvador.

Pedro, diz um historiador, orava dia e noite, na praça e na rua, na cela e no templo, em toda

a parte o seu espirito estava sempre mergulhado no mar amargo dos soffrimentos de Jesus, que pranteava com gemidos e lagrimas.

Os seus extasis não tinham logar, numero nem hora. Via-se no templo elevado no ar, á altura da abobada, na matta sobre as mais altas arvores; de noite viram-no muitas vezes os vizinhos penetrando lentamente no firmamento, luzente como uma estrella, como se fôra seu corpo um



crystal em que se reflectissem muitas luzes.

Certo dia sahindo ao horto do convento e olhando para uma grande cruz que mandara collocar n'um monte fronteiro, arrebatava-se na contemplação das dôres de Christo, a cruz attrahiu-o como poderoso iman, e Pedro ave gemebunda, enamorado do Calvario, atravessa o espaço, como metheoro de luz, paira sobre o lenho sagrado. Prende os dois namorados uma trama aurifulgente de muitos raios luminosos. Uma nuvem d'um

refulgir argenteo, que apparece sobre a cabeça do vidente, expande-se, cobre todo o monte formando um firmamento nunca visto de olhos humanos.

Os vizinhos acodem a presenciar a transfiguração do Penitente Franciscano que ao vir a si espanta-se de se vêr rodeado pela multidão.

Qual fosse a austeridade da sua pobreza podemos vêl-o nos conventos da Arrabida de Palhaes

Prégando certa occasião a um numerozo auditorio ao ar livre uma chuva torrencial inundado, só os seus ouvintes ficam enxutos:

Uma sécca consumidora ameaça grandes fomes; recorrem ás suas orações, e faz germinar caudalosas fontes.

Soccorreu milagrosamente a sua communiidade muitas vezes; passou o Douro, o Tejo, o Guadiana a pé sobre as aguas como por cima de crystallino sobrado. Curou milagrosamente muitos enfermos e obrou prodigios sem fim.

Imagine-se qual seria o seu zelo apostolico pela salvação das almas, a sêde com que procuraria a conversão dos peccadores e qual seria o magnetismo divino da sua palavra. Aspero para consigo, era dôce, benevolo e benigno para todos, maximamente para os peccadores e pequenos, a quem dava preferencia no seu coração e no seu trato. Aconselhando um dia Santa Thereza a afrouxar as suas austeridades e extranhando-lhe esta o aviso redarguiu-lhe o santo que não reparasse porque n'elle a penitencia era um habito sem merito, que o seu corpo por costume a procurava.

O dom de pacificar discordias conquistou lhe o titulo de ANJO DA PAZ.

Soffreu com tal resignação e calma de espirito as calumnias e perseguições do proximo que em Hespanha é celebre ainda hoje o dictado: «para uma d'estas só a paciencia de S. Pedro de Alcantara.»

Para consolidar o fructo das suas missões apostolicas erigia com rigor apostolico as fraternidades da Ordem Terceira de S. Francisco, que visitava com infatigavel zêlo, nas continuas peregrinações apostolicas. Uma grande cruz collocada sobre o monte mais elevado, vizinho da egreja dos Terceiros recordava aos novos filhos de Francisco o espirito de penitencia, a loucura da cruz a abnegação e espirito de sacrificio que os devia distinguir. Pedro levava a seus hombros por pesados que fossem estes sagrados lenhos rodeado da multidão que o acompanhava com lagrimas e soluços.

Esta fabulosa santidade attrahiu-lhe as sympathias de Hespanha e Portugal inteiros.

Os condes de Orapeza, de Mirahe, de Nieba e Torrejon e muitos nobres de Hespanha amavam-no ternamente. Carlos V dizia d'elle: «não parece da terra é um anjo do Céu.» O nosso D. João III pede para estar com elle alguns dias. Seu irmão o principe Luiz e a princeza D. Maria procuraram-no para seu confessor. Os prelados mais



FRM DA CARIDADE

Gaeris e outros de que foi fundador ou a que presidiu o seu espirito de pobreza.

A virtude dos milagres foi n'elle poderosissima. Uma noite indo de viagem impede-lhe de andar caminho um nevão subito. A falta de pouxada acolheu-se n'umas ruinas. A neve forma em volta d'elle uma espaçosa abobada deixando-o intacto.

Certo dia um fogo violento devora o convento o santo atravessa as chamas illeso e extingui-o.

celebres de então, os grandes santos e mestres de espirito consultam no.

O veneravel João de Avila procurava a sua companhia O padre Luiz de Granada aconselhava-se com elle e por seu mandado escreveu as obras que hoje lhe admiramos. S. Francisco de Borja consagrava-lhe uma amizade intima Com Santa Thereza são conhecidas as suas relações espirituas, e como concorreu primariamente para a reforma do Carmello, que ainda hoje lhe chamam seu pae.

Na Ordem franciscana foi uma grossa columna da observancia regular, já como guardião, já como provincial, já como fundador da provincia de Arrabida, já como pae dos Alcantarinos, reformas que caracterizam bem o seu espirito penitente e contemplativo. Estes religiosos disciplinavam-se frequentemente, mortificava-lhe a carne um ferreo cilicio, não comiam carne nem peixe, nem laticínios; a sua alimentação era um prato de legumes que preparavam ao domingo para toda a semana. «Era um mysterio, diz um historiador a existencia de aquellas comunidades; mas não é o Calvario um grande mysterio tambem?!»

Pedro chegara aos sessenta e um annos, longevidade prodigiosa que só o espirito de Deus podia alimentar.

Mas não continuaria a existencia d'aquelle Anjo que nunca offendêra a Deus com um peccado venial deliberado. Exausto pelas austeridades voou ao Ceo acompanhado da Virgem e S. João que o vieram esperar e dos anjos de quem foi irmão, que encheram o aposento mortuario, de sua vivissima claridade e de maviosos canticos que os assistentes escutam attonitos.

Era a 18 de Outubro de 1562 Hespanha e Portugal choraram o passamento do seu ANJO DA PAZ.



Virtude a Imitar

O amor do proximo. — Foi esta virtude celeste que moveu em tudo o Santo Penitente que acabamos de esboçar.

Ouçamos sobre a excellencia d'esta virtude o nosso catholico e religioso Bastos.

«Nada exprime exactamente o amor do proximo, senão a palavra caridade que no sentido proprio significa graça e Jubilo; e que a Igreja tem constantemente empregado, e como consagrado, para designar o amor dos homens por causa de Deus.

A religião, diz o auctor do Genio do Christianismo, querendo reformar o coração humano e converter em virtudes nossas affeições, inventou uma nova paixão e não se serviu para a designar da palavra piedade que parecia visinha do orgulho, mor que pareceria pouco severa, amizade que se perde no tumulto, mas da palavra caridade que as encerra todas e tem ao mesmo tempo alguma coisa de celeste. Para se dár á maior das virtudes diz o celebre Bispo de Troyes toda a duçura, toda a amenidade toda a delicadeza que lhe é natural, foi se buscar o engenhoso nome das graças, foi se pedir um termo á mais amavel e á mais risonha de todas as fieções da Grecia.

E este termo une ao encanto da sua origem uma perfeita correspondencia ao seu objecto.

A caridade é a graça da parte do rico, do poderoso que a faz ao pobre, ao desvalido em nome de Deus: é a graça da parte do pobre, do desvalido que a obtém de Deus em favor do rico do poderoso. E' a alegria para quem a faz e para quem a recebe; é um verdadeiro jubilo na terra para cuja felicidade concorre; e no céo que é a sua recompensa.

Caridade é um termo, assim como uma virtude que não pode ter equivalente. Quem troca este termo por outro, esta por outra virtude dá n'isso uma prova de rematada ignorancia ou decidida impiedade.

A philantropia a humanidade a compaixão a beneficencia não são senão elementos humanos da caridade, virtudes incompletas se d'ella se separam, menos ainda se são um resultado dos calculos do interesse das combinações da vaidade e se se materializam como a falsa philosophia moderna.

Esta virtude é filha de Jesus Christo. Elle a collocou como uma fonte de abundancia nos desertos da vida.

A providencia havia dotado a nossa natureza de sentimentos de fraternidade.

Os homens sentiam-se propensos uns para os outros. A necessidade de se approximarem de se entenderem de se socorrerem mutuamente existia; elles não desconheciam esta necessidade: mas nem por isso deixavam de viver em grande parte como inimigos e de se dilacerarem como feras. O coração humano que ainda agora é um enigma, então o era muito mais: inclinado a amar, aborrecia: dotado do espirito da fraternidade, era egoista: naturalmente disposto para harmonia e paz, parecia ser o seu elemento a discórdia e a guerra.

Os Athenienses haviam dedicado um templo á piedade onde queriam que os desgraçados e até os criminosos achassem um asylo

A piedade era representada debaixo das feições de uma bella mulher com uma grinalda de oliveira á roda da cabeça o braço estendido um ramo de cedro na mão direita e a seus pés a ave que os Egyptios veneravam como a mais compassiva.

Homero tinha dito: Não me é permittido despresar o estrangeiro e o indigente: é Jupiter quem m'os envia.

Honrai, dizia Phocylides igualmente o cidadão e o estrangeiro porque somos todos viajantes sobre a terra.

Chilon ensinava que não só se devia ser benefico, mas que era necessario esquecer o bem que se fazia e lembrar-se sempre do que se recebia. Outros alardeavam outras maximas semillhantes e Cicero chegou a ornar um dos seus escriptos com a palavra: «Charitas generis humani». Contudo o paganismo não conhecia esta virtude. Os actos de beneficencia que aconselhava ou que praticava fôsse qual fosse a denominação que lhe dessem, careciam dos motivos que os caracterizam e aquellas bellas maximas eram antes conselhos para os sabios que preceitos para o povo.

Os Hebreus tinham nos livros santos logares notaveis a este respeito. Moysés entre outras coisas lhes disse que não endurecessem os corações que não fechassem suas mãos mas as abrissem para os pobres. David chamou bemaventurados os

que se applicam a distinguir os indigentes para os socorrerem. Salomão no livro da sabedoria exigiu não só os socorros, porem a affabilidade e a doçura do tratamento: e no Sevitico se encontra o preceito de amarem os outros como a si mesmos.

Entretanto a maior das virtudes não era bem comprehendida por aquelle povo escolhido. Os Judeus pensavam que não só não tinham obrigação de amar os estrangeiros e os inimigos, mas os deviam aborrecer. A palavra proximo que para nós é tão clara, para elles o não era. Aliás o Doutor da lei que n'ella era tão perito, não perguntaria a Jesus Christo o que devia entender por proximo.

Na verdade antes de Jesus Christo ninguem tinha ensinado que por proximo se significava até o estrangeiro e o mais cruel inimigo: ninguem tinha dito que o amor do proximo faz parte do culto que devemos a Deus: ninguem tinha lembrado o exemplo do Pae celeste, fazendo luzir sobre todos indistinctamente o seu sol: ninguem tinha ordenado que aquelle que entrasse no Templo com o odio no coração suspendesse sua homenagem e depondo a offerenda sobre o altar se fosse reconciliar com seu irmão: ninguem tinha apresentado a beneficencia de uma parte e a insensibilidade de outra como a medida das recompensas e das penas da outra vida.

Com o christianismo começou o reinado de uma moral desconhecida. Tudo o que a humanidade tem de mais elevado tudo o que a Philosophia tem de mais sublime é obra sua. Elle fez vibrar no coração humano cordas que antes d'elle estavam mudas. O seu preceito de caridade avanteja-se infinitamente ao que a lei natural e divina havia imposto aos homens. Este era um esboço, aquelle é uma obra completa e perfectissima: um era uma sombra, outro é a mais viva claridade: a pobre intelligencia humana assignava a um estreitissimos limites, a Intelligencia Divina assignou ao outro a extensão mais illimitada. Por isso Jesus Christo lhe chamou preceito seu, preceito novo e com muita razão.

Amareis vosso proximo como a vós mesmo disse elle e pela parábola do Samaritano explicou a ignorada significação d'aquelle termo que comprehendia os estrangeiros e inimigos. Tendes ouvido: Amae vosso proximo e aborreci vossos inimigos; e eu vos digo: Amae vossos inimigos fizeti bem aos que vos aborrecem, rogae pelos que vos perseguem e vos caluniam para que sejas filhos de vosso Pae que está no Céu e que faz levantar o seu sol sobre os bons e sobre os maus, cahir a chuva sobre os justos e sobre os peccadores. Fazei aos outros aquillo que quereis que vos façam. Amae-vos uns aos outros como eu vos tenho amado.

S Paulo por outra parte dizia: Fazei desaparecer a desigualdade que se encontra entre vossos irmãos e vós. Vossas esmolos sejam abundantes e alegremente distribuidas, porque Deus ama aquelles que dão alegria. Quem ama o seu proximo cumpre a lei. Todos os mandamentos se resumem neste: amae o vosso proximo como a vós mesmos.

E' admiravel aquella carta, em que elle instruiu os primeiros christãos sobre a caridade discorria assim: Quando eu fallasse todas as

linguas dos homens e dos Anjos e se não tivesse a caridade, não seria mais que um bronze soando: quando eu tivesse o dom da prophacia, penetrasse todos os mysterios e tivesse uma perfeita sciencia de todas as coisas; quando tivesse toda a fé possível e fosse capaz de transportar montanhas, se não tivesse caridade não seria nada e quando houvesse distribuido todos os meus bens pelos pobres e entregando meu corpo ás chammass se não tivesse caridade tudo isto de nada me serviria.

Que profundidade de pensamentos que valentia de expressões? Fallar a linguagem angelica, ser propheta, ser martyr, possuir o dom dos milagres e com tudo isto não ser nada! Ter os conhecimentos, as luzes, as ideias dos Anjos descor-tinar o futuro dissipar as trevas dos destinos dos homens, arrostar o furor dos tyrannos, lançar-se com prazer a uma fogueira, dar á verdade o testemunho mais brilhante, estabelecê-la e semental-a pela effusão do seu sangue, despojar-se de tudo em favor da pobreza desvalida, ter o poder de imperar sobre a natureza, alterar suas leis, dispor a seu arbitrio dos astros, dos ventos, e das ondas e assim mesmo não ser nada! Será um entusiasta que falla? será uma imaginação que se extravia? será uma hyperbole que se soltasse no fogo dos extasis? não: é um homem inspirado que não mente, não exagera, não se engana nem póde enganar-nos.

Estenda-se, diz S. Gregorio de Nissea, a vossa caridade a todas as edades, a todas as condições. Ella seja a alimentadora dos orphãos, o sustentaculo dos velhos, a defensora dos fracos, a consolação, o allivio de todos os males, o porto seguro dos desgraçados.

Deus nos impõe diz S. Agostinho, a obrigação de supportarmos o peso uns dos outros. O dos pobres é a miseria, o dos ricos é a abundancia. Felizes do seculo apressae-vos em aligeirar o peso dos desgraçados e trabalhareis na vossa propria descarga: diminui as necessidades de vossos irmãos, e elles diminuirão o onus formidavel dos vossos hombros: mas não o façaes por motivos rasteiramente humanos, seja o vosso movel a caridade.

Tire-se a caridade e fica interceptada a comunicação entre o Céu e a terra. O céo nos escapa, e terra se avizinha do cahos de que sahira. A religião não é então se não uma philosophia sêcca uma theoria esteril que deixa o homem entregue ao vasio do seu nada e aos extravios da sua perversidade.

A caridade é a cadeia que liga o homem a Deus e os homens aos homens. Ella veio esclarecer o mysterio das desigualdades das condições e restabelecer o equilibrio que esta desigualdade alterára. Sem ella a desigualdade cresceria sempre e os sentimentos naturaes da humanidade seriam um fraco dique contra a sua torrente: com ella conhece melhor o rico, que parte do que possui é propriedade do pobre; o pobre, que a Providencia lhe não negou o que lhe falta, mas o depositou nas mãos liberaes do rico para mais os ligar entre si.

Sem ella os homens se isolam uns dos outros. quando os interesses do egoismo lh'o aconselham: com ella, necessarios uns aos outros unidos, como os membros do mesmo corpo não formam senão uma familia debaixo da direcção, e das vistas do

Pae commum, até que chegue o tempo em que todas as necessidades desapareçam e se não observe outra desigualdade senão a dos merecimentos e das virtudes.

Ah! então o dom da sciencia, o das linguas, o dos milagres, todos os outros dons cessarão: mas a caridade não cessará. Não vendo então a Deus através de uma nuvem clara e escura mas de face a face; e possuidores de um bem em que agora cremos e em que agora esperamos, não teremos fê não teremos esperança por mais que ellas fossem nossas inseparaveis companheiras na vida, e só nos restará a caridade.

Ella sobrevive a todas as outras virtudes. Todas as outras morrem com o corpo ella é a unica que não morre. A destruição a respeita e até a fortifica. Quando tudo o que brilha no homem aos olhos do mundo se some, e se perde na noite do tumulo, ella surge mais radiante, conduz a alma solta das prisões terrestres á morada dos justos, e ahí não deixa nunca de avivar lhe os gosos, de multiplicar-lhe as delicias.



Secção historica

Ordem Terceira de S. Francisco em Aveiro

I

Frei Antonio das Chagas, cujo nome ficou bem conhecido na historia da nossa litteratura, esteve missionando em Aveiro, plantou a *Via Sacra duplex* no Campo, que é chamado de Santo Antonio, por lhe ficar proxima a Igreja d'esta invocação.

Não me foi possivel saber, em que anno aquelle veneravel missionario apostolico, fundador do Seminario do Varatojo, esteve n'esta cidade, e percorreu outras localidades, onde prégou.

Frei Antonio foi chamado, no seculo, Antonio da Fonseca Soares e era possuidor de grandes haveres.

Nascera na Vidigueira no Alemtejo, em 25 de junho de 1631 e dedicou-se á vida militar, chegando ao posto de capitão.

Tendo despresado o mundo, entrou no Convento de S. Francisco da cidade de Evora e ahí professou em 19 de maio de 1663.

Em 20 de outubro de 1682 falleceu no Convento do Varatojo.

Por o que fica referido e pelo que vou

expor, é de crêr, que Frei Antonio das Chagas houvesse estado em Aveiro depois de 1663 ou antes de 1670.

Emquanto aqui esteve, lançou o habito da Ordem Terceira de S. Francisco a diversas pessoas, que lhe impetraram essa graça, para o que estava competentemente auctorisado.

O mesmo fez n'outras localidades, que percorreu, missionando.

Não organisou aqui a Ordem Terceira, como alguém erradamente tem julgado, mas a sua vinda a esta povoação foi, de certo, um motivo ou antes a origem de se organisar aqui a mesma Ordem.

Em 1670, Frei Luiz de S. Francisco, ou Frei Luiz Pinheiro, tambem plantou a *Via Sacra* na capella de S. João Baptista (no Rocio), que então era dedicada a S. Pedro Gonçalves Telmo, vulgarmente denominado o *Corpo Santo*.

Egualmente fundou, n'aquelle anno e no mesmo templo a Ordem Terceira, de que ficou sendo o primeiro commissario e que ficou governando até 1676.

N'esse anno e em 8 de fevereiro veio do Convento de S. Francisco, do Porto, uma auctorisação, para aquelle religioso deixar o cargo, como elle o havia requerido, porque a isso o obrigavam os seus trabalhos e os achaques e a sua idade.

Pelo que se vê, parece, que a Ordem Terceira, fundada em Aveiro ficou em seus principios dependente ou subordinada á do Porto.

Os irmãos da Ordem Terceira de Aveiro recorreram á mesa definitoria, para que lhes nomeasse commissario e para esse cargo foi nomeado Frei Sebastião de Monsanto, por carta passada em dez do dito mez e anno. Era então Ministro Provincial da mesma Ordem o Padre Frei Thomé de Vila Real.

*

Frei Sebastião de Monsanto tratou logo de dar principio a um templo, destinado exclusivamente para a corporação, de que era chefe. E, em 14 de novembro do mesmo anno de 1676, concedeu para isso aquelle Provincial a indispensavel licença.

Em 16 de janeiro do anno immediato, D. Alvaro de S. Boaventura, Bispo de Coimbra e que fôra religioso da Provincia

de Santo Antonio, deu tambem a licença para a construcção do templo.

E logo, no mesmo anno foi lançada a primeira pedra para a obra, mas não se sabe, ao certo, em que dia.

Era guardião do Convento de Santo Antonio, de Aveiro, Frei Antonio de Braga e discretos os Padres Frei Antonio do Sardoal e Frei Francisco da Aldeia Nova.

Em 13 de maio de 1678 passou a Ordem Terceira para a capella, chamada do *Gafanhão* erecta na Igreja de Santo Antonio e da qual já fallei na parte, em que fallo da mesma Igreja.

*

Frei Sebastião de Monsanto continuou a exercer o cargo de commissario e visitador até 9 de setembro de 1681, em que falleceu.

Ficou exercendo o mesmo cargo Frei Victoriano do Porto, por patente, datada de 28 de fevereiro do anno seguinte, e assignada por Frei Leonardo de Chaves, ministro provincial.

Em 15 de março e no Convento do Valle da Piedade, deu este ministro licença para se construir a casa do Despacho.

Em 5 de outubro foi obtida a licença para ser benzido o templo e para se fazer um cemiterio para os Irmãos d'esta Ordem.

Os frades de Santo Antonio concederam para o cemiterio um terreno, desde o cunhal da sua Igreja até o da capella da mesma Ordem, e para o lado do Sul até á *Via Sacra*.

Creio, que parte ou quasi todo esse terreno está hoje occupado pelo accrescento, que, em 1872, se fez á casa do Despacho.

Frei Victoriano do Porto, que mais tarde foi Bispo de Cabo Verde, continuou a exercer o cargo de commissario até 30 de janeiro de 1684, em que o ficou exercendo Frei João de Barcellos.

Desde então ficou esta Ordem completamente independente da que estava estabelecida no Porto e o seu governo até 1834 sempre pertencia a um dos religiosos do Convento de Santo Antonio de Aveiro.

*

No mesmo anno em que o Padre Frei Luiz Pinheiro, fundou aqui a Ordem Ter-

ceira de S. Francisco, fundou tambem corporação identica em Arrifana de Santa Maria, no actual concelho da Feira.

Aquelle individuo era religioso do Convento de S. Francisco, do Porto.

Foi elle tambem, como em Aveiro, o primeiro commissario da Ordem Terceira de Arrifana, e foi visitador das mesmas corporações.

A do Porto continuou sempre a nomear commissario para a de Arrifana, até 1737.

N'esse anno houve no respectivo templo uma festividade em honra de Santa Isabel, para a qual os terceiros franciscanos da Arrifana convidaram o commissario, que então se achava no Porto.

Como este, sob frivolos pretextos, se recusasse acceder ao Convento, recorreram a elles os frades do Convento de Aveiro, para que estes lhes nomeassem commissario.

Essa nomeação foi logo feita e, desde então, até 1834, sempre aquelle cargo foi da nomeação dos mesmos frades.

*

Agora farei a descripção do templo da Ordem de S. Francisco, erecta n'esta cidade.

(Aveiro).

RANGEL DE QUADROS.



PENSAMENTOS

Doçura na correcção infantil

«Ha uma falsa firmeza diz Bossuet é a dureza, a rigidez e a teimosia.» — «Toda a firmeza, diz Mgr. Dupanloup que não tem por fundo a bondade, é uma firmeza falsa.»

Todas as vezes que se tracta com um semelhante, diz o bispo de Orleans, direi mesmo com um ser qualquer, é preciso primeiro que tudo inspirar-lhe confiança. Se a não inspirarem ás creanças, não as conhecerão porque desde que ellas desconfiem, retrahem-se.» — «Fazei, amar-vos d'ellas escrevia Fénelon, tendo confiança em vós deixarão patentear-vos seus defeitos. Para o conseguir sêde indulgentes para com aquellas que se não disfarçam deante de vós. Não vos mostreis espantados nem irritados por suas más inclinações, pelo contrario compadecei-vos com as suas fraquezas. Acontecerá algumas vezes que sejam mais contidos pelo temor, mas a confiança e a sinceridade, ser-lhe-hão mais uteis que a auctoridade rigorosa. E' preciso que a alegria e a confiança sejam as suas disposições ordinarias; d'outra forma obseurece-se o seu espirito e abate-se a sua coragem.

Se são vivas irritam-se; se são moles tornam-se estupidas. Uma alma levada pelo temor, é sempre fraca.

«Nunca tomae sem uma extrema necessidade um ar serio e austero que faça tremer as creanças, porque ellas de ordinario são timidas e vergonhosas. Fechar-lhe-heis o coração e tirar-lhe-heis a confiança, sem a qual nenhum fructo ha a esperar para a educação.

Envergonho-me escrevia Rollin de referir certos termos injuriosos que se dirigem algumas vezes aos estudantes, como asno, besta, burro, etc., etc., termos que ainda hoje é facil ouvir a alguns mestres.» E não deixam ás vezes de serem empregadas por algumas mães.

Tambem não se deve reprehender e corrigir no proprio momento diz Mgr. Dupanloup. Nunca aperteis uma creança no seu primeiro momento nem no vosso. Se o fazeis no vosso, ella julgará que estás de mau humor e perdeis sem remedio a vossa auctoridade, se o tomaes no seu primeiro movimento não encontra o espirito base para confessar a sua falta e para sentir a importancia de vossos conselhos. Observae todos os momentos durante alguns dias se tanto fôr preciso, para infligir uma correção. E' mais facil dar azas á ira do que á paciencia e é mais commodo á altivez e impaciencia humana castigar os que resistem, do que supportal-os, mas o fim não é attingido.

Ha paes que têm sempre a mão erguida sobre os filhos e muitas vezes pelas bagatellas mais innocentes. Notae bem que estes paes deixam algumas vezes passar despercebidas as faltas mais graves contra o respeito devido á auctoridade, ou contra o pudor. Se quereis que a creança tema a vergonha e os castigos não a acostumeis a elles e conservae esses meios de correção para as faltas mais graves.

O castigo propriamente dito, escreve o sr. bispo de Orleans, assimilha-se a certos remedios compostos de venenos; não se pôde servir d'elles senão em caso extremo ou temperando-os com muitas precauções.» No entretanto não se deve reprehender sempre, nem sempre ameaçar sem castigar, porque podem ficar inuteis as ameaças e reprehensões. Segundo o pensamento de S. Chrysostomo, empreguemos os remedios dolorosos para curar aquelles a quem os remedios bemfazejos não restituem a saude.

«Nos castigos diz Fénelon deve ser a pena tão leve quanto possivel, posto que proporcionada á falta mais acompanhada de todas as circumstancias que podem ferir a creança na vergonha e no remorso. Por exemplo mostrae lhe tudo o que tendes feito para evitar esse extremo, mostrae-vos pesarosos... suppri á creança todos os signaes de amizade ordinarios, e tornaes esse castigo publico ou secreto, como julgardes util para a creança.

A aste encurvada de uma arvore tenra, se tentaes endireital-a bruscamente, quebra-se-vos na mão, se o educador pretende levar as creanças a ferro e fogo, sem carinho, sem confiança, sem amor, mas bruscamente, vél-as-ha fugir de si e nada conseguirá d'ellas. Um pedagogo austero, algoz de palmatoria, fica sendo sempre no juizo

das creanças agora e amanhã quando forem homens, um vulto anthropatico.

MARQUEZ D'ARSEYLLÉ.

Nunca temi os grandes corações nos maiores impetos; uma pequena prova de amor, uma lagrima, ás vezes um pedido d'uma creança basta para os abrandar, para os convencer d'uma necessidade. Mas reciei sempre das grandes cabeças, das intelligencias privilegiadas, em guiando por um caminho, em se persuadindo, não ha meio de arredal-as, é deixal-as ir.

Deus nos deffenda de um educador de grandes facultades mentaes e sem sensabilidade, sem coração.

MARQUEZ D'ARSEYLLÉ.



ANECDOTAS

Licção que aproveitou. — Foi um dia o principe de Condé á igreja de S. Sulpicio, em Paris, assistir a uma festividade religiosa. Ao seu lado estava, com toda a modestia e compostura, um seminarista, que muito o edificava.

— Este seminarista, pensou elle, deve ser instruido e douto, porque de ordinario o saber anda alliado á piedade.

E dirigindo-se a elle lhe perguntou:

— Senhor, que ensinam a VV. Reverencias no seminario?

O seminarista não lhe deu resposta.

Entendendo o principe, que não tinha ouvido, lhe tornou:

— Que lhes ensinam no seminario?

E o seminarista continuou calado.

Então o principe pela terceira vez:

— Rev. padre, que ensinam a VV. Reverencias no seminario?

Então o seminarista ergue um pouco a cabeça, e lhe diz com muita graça e delicadeza:

— Senhor, ensinam-nos a guardar silencio na igreja.

— Muito obrigado, senhor; fico-lhe muito agradecido pela licção, que sempre procurarei pôr em pratica.

E inclinando a cabeça, se pôz a rezar.

Um papá applica uma boa dóze de vergastadas a um filho que havia feito não sei que travessura muito grande. No fim da sóva querendo epilogar o castigo com a competente reprehensão, deu começo ao interrogatorio nos seguintes termos:

— O menino sabe porque razão lhe bati?

— Sei sim senhor, respondeu choramingando o rapazinho.

— Porque foi então?

— Porque o papá tem mais força do que eu.

— Doutor, o remedio que me deu ha dias para o catharro curou-me radicalmente.

— Devéras? Estimei saber-o porque ha tres mezes que soffro d'isso...

Leituras amenas

MIKE

Um dia — narra o Cardeal Manning, cujo zelo pastoral se estendia a todos, especialmente aos mais necessitados — encontrei no hospital um pobre menino de nove a dez annos, que excitou d'um modo especial a minha attenção. Seus grandes olhos rodeados por um circulo azulado, seu rosto pallido e macilento, com um leve carmin nas faces, seu ar de tristeza e melancholia revelavam n'elle soffrimentos dolorosissimos. E um menino que soffre é tão sympathico!

— Quem é este menino? perguntei ao enfermeiro, parando diante da cama.

— Um pobre orphãosinho, que ha poucos dias encontraram uns operarios abandonado nas ruas de Londres, e que, ao que parece, não tardará muito em se reunir com seus paes, em melhor logar, que as ruas d'uma grande cidade.

Approximei-me do menino, que, enquanto eu o abençoava, fazia o signal da cruz sobre o peito. Adivinhei logo que aquelle menino era irlandez.

— Como te chamas, meu filho? perguntei eu.

— Mike, Monsenhor.

— Ha muito tempo que aqui estás?

— Tres semanas, julgo eu.

— E antes onde vivias?

— Nas ruas, só...

— Não tens paes?

— Não, Monsenhor, respondeu o menino com os olhos arrazados de lagrimas. Não, morreram ambos; mas agora são muito felizes. Estão com Deus a quem amavam sobre todas as coisas como manda o Catecismo.

— Eram catholicos?

— Sim, Monsenhor. Catholico e irlandez é a mesma coisa, não é verdade?

— Certamente, meu filho. Isso quer dizer que eram bons e fervorosos catholicos. E entretanto, eu acariciava com a mão as faces pallidas de Mike, cujos olhos brilhavam com o ardôr da febre e com a alegria de ouvir uma palavra de affecto para com seus paes, e de sentir perpassar-lhe pelo rosto abrazado uma mão paternal.

— E tu amas a Deus, como o amavam teus paes?

— Ah! sim; é o unico amigo que me ficou na terra, desde que o papá e a mamã estão no céu... Elles deixaram me o seu maior thesouro: o seu Crucifixo... Todos os meus avós o tiveram nas mãos ao morrerem; e eu mesmo o dei a beijar a meu pae e a minha mãe no momento de expirarem. Guardo-o aqui — acrescentou tirando-o debaixo da almofada — brevemente servirá tambem para mim...

— Não tens medo de morrer?

— A terra é tão triste e o céu tão formoso! e eu tenho tantos desejos de ir encontrar n'elle o papá e a mamã com o bom Deus!...

— Quererias fazer a tua primeira communhão, antes de te ir reunir com teus queridos paes?

— Mike pareceu reanimar-se ao entrever a possibilidade de receber a Communhão antes de morrer.

— Seria demasiada felicidade para um pobre abandonado como eu...

Desde então visitei-o quasi todos os dias, ouvi-o de confissão, e ensinei-lhe sem o fatigar tudo o que um menino deve saber para receber os Santos Sacramentos.

Durante as minhas visitas contava-me a sua vida tão curta e tão cheia de soffrimentos!

— Quanto tempo ha que vieste para Londres? perguntei-lhe uma vez.

— Ha uns dois annos. O trabalho escasseava na Irlanda e o pão tambem. O papá leu um dia n'um annuncio, que em Londres se precisavam obreiros para grandes trabalhos de explanação. Emprehe demos a viagem a pé, levando cada um de nós um pequeno fardo debaixo do braço. Dormiamos sobre um feixe de palha nas granjas, cujos donos nos davam de comer por caridade. O papá obteve passagem *gratis* n'um vapor, porque é preciso atravessar o mar para vir da Irlanda para a Inglaterra. Londres estava ainda muito longe. Soffremos muito antes de chegar, porque em Inglaterra não são tão caritativos como na Irlanda. Dormiamos ao ar livre debaixo das arvores e tinhamos muita fome, principalmente o papá e a mamã, que não comiam para guardar ao menos um pedaço de pão para mim. Depois de andar muitos dias chegamos aqui.

O papá encontrou immediatamente trabalho, mas passados poucos dias cahiu doente. Viviamos n'um quarto mui pequeno, que dava para um pateo profundo como um poço, onde faltava o ar e a luz. Foi n'aquelle quarto que o papá primeiro e depois a mamã dormiram no Senhor, como se diz no nosso paiz.

O proprietario do quarto sem se compadecer da minha dôr e das minhas lagrimas ficou com o enxergão, o cantaro, a panella, tres tijellas, os vestidos, a ferramenta do papá e tudo o que tinhamos trazido para se pagar do aluguer do quarto.

Depois atou a minha roupa n'um lenço, poz-me á porta da rua dizendo: vae-te embora!... Eu tinha trazido o Crucifixo, apertava-o contra o peito mas não sabia o que havia de fazer...

— Onde ficaste então aquella noite, meu querido Mike?

— Ao pé d'uma porta, Monsenhor. Tinha muita fome e muito frio e chorava pensando no papá e na mamã. Apertava sempre o Crucifixo ao peito e o beijava, como elles tinham feito antes de morrer; e dizia comigo: vou morrer tambem:... e seria o melhor para todos tres, porque assim estaríamos reunidos no céo com Jesus.

Depois pensava: Deus soffreu mais por mim e os papás são muito felizes por estarem com elle. Este pensamento consolava-me no meu desamparo e abandono. Não morri aquella noite, como eu julgava. Adormeci e sonhei com o céo... Era mui bonito; ali não tinha fome nem frio; e o meu coração pulava d'alegria ao vêr-me com me is paes deante de Deus...

Mas de repente sinto que me arrastavam com violencia: Que desgraça! Aquillo era um sonho e eu cria que fôsse realidade!... Quem me arrastava era a porta que se abria para dar passagem a uma caruagem-

Puzeram-me fóra d'ali, com mil injurias. Era já dia claro.

— Para onde foste então? Como passaste aquelle dia?

— Vi uma igreja aberta, entrei n'ella para rezar as minhas orações da manhã, em seguida ouvi duas missas uma pelo papá e outra pela mamã. Como tinha muita fome resolvi-me a estender a mão á caridade das mulheres que entravam na igreja, das quaes ecebi *quatro sous*. Estava salvo!

Comprei pão e depois fui em busca de trabalho a una feira que havia perto, esperando poder occupar-me em transportar alguns pequenos fardos, mas ninguém quíz aproveitar os meus pequenos serviços. Então sentei-me n'um banco e puz-me a discurrer como poderia ganhar a vida.

— O melhor, pensei eu, seria entregar-me á caça dos besouros. Com este modo de vida poderia ganhar muito dinheiro.

Prendi-os com um fio e depois cantava deante dos meninos ricos que vão jogar aos tanques: *Besouro vóá, besouro vóá!... Um sous cada um!...* Com isto podia fazer fortuna porque o papá tinha-me ensinado a atrellar dois besouros n'um carro de papel como se fossem dois cavallos; e tambem a pôr-lhes um barrete de advogado com sua gravata de musselina branca.....

Passei o dia pensando n'isto, e já me parecia que estava gritando diante dos meninos:

— *A cinco sous o carro e parrelha!... A quatro sous o advogado!...*

Estes projectos fizeram-me passar o tempo tão depressa que veio a noite sem que eu desse por isso; nem me lembrou que estavamos no inverno e era preciso esperar pela primavera para os poder pôr em practica.

E passaste todo o inverno esperando pela fortuna que te haviam de trazer os besouros?...

— Quasi passei todos os dias como o primeiro... Dormia na rua encostado a uma porta... onde podia. Muitas vezes fui levado á esquadra como vagabundo. Se não fôra por me envergonhar d'este nome estaria ali muito contente; porque ao menos estava entre homens que quasi todos se compadeciam de mim e que em vez do calaboço deixavam-me dormir nas suas camas e de manhã antes de partir me davam alguns *sous* para comprar pão. Estes eram os dias de felicidade e por isso eram tão raros!

As patrulhas que me encontravam deitado sobre algum banco não me deixavam dormir em paz; faziam-me levantar e ir buscar abrigo n'outra parte.

Uma noite em que morria de fome e não sabia que fazer, lembrei-me das noites que tinha passado na esquadra e comecei a desejar que me levassem outra vez para lá, porque ao menos teria cama e comida se-

gura. Em vez de pedir á Virgem que me ajudasse, comecei a pensar no que poderia fazer para que me levassem para a esquadra. Era certamente o demonio que me inspirava. Eu já não escutava a minha consciencia.

N'este momento ouvi os passos compassados d'uma patrulha, que se dirigia para onde eu estava. Peguei em algumas pedras com intenção de quebrar um candieiro para que me prendessem... Felizmente o anjo da guarda estava ao meu lado para me falar ao coração.

— O que vaes fazer, me dizia, é uma coisa prohibida com que desagradarás a Deus...

Esta ideia deteve-me. Tiuha promettido jámais offender a Deus voluntariamente; por isso as pedras cahiram-me das mãos. Encostei-me ao candieiro e dormi tranquilamente porque tinha obedecido á minha consciencia como meus paes me mandaram á hora da morte.

No dia seguinte ao atravessar o parque vi um cylindro de ferros que servem para bater o cascalho nas estradas, que me despertou uma ideia luminosa:

— Eis aqui, onde eu posso passar a noite; metto-me dentro e ahi poderei dormir quanto quizer sem fazer mal a ninguem e sem que ninguem me venha incommodar.

— Mas aquella cama devia ser bastante dura e fria, não é verdade?...

— Dura sim, Monsenhor, e muito dura e tambem muito fria; mas não tanto como o ar livre, a não ser quando tinha a abertura virada para o vento, porque o ar entrava encanado por ali dentro, que parecia gelar-me até aos ossos. Creio que foi isto o que me constipou...

— Pobresinho!... E como vieste aqui parar?...

— A constipação fazia-me doer muito a cabeça; e apesar do frio suava copiosamente e parecia que tinha as mãos abraçadas. Uma noite não fiz mais que tossir. Na manhã seguinte estava tão cansado, que nem ao menos tinha força para me mover. Fiquei dentro do cylindro sem me lembrar que os operarios deviam chegar de um momento para outro.

Não pensava em nada, mas de vez em quando dizia: «Jesus meu tende piedade de mim»...

Senti que o cylindro se movia e soltei um grito agudo. Eram os obreiros que se dispunham a começar o seu trabalho. Depois de me verem fizeram-me mil perguntas mas não me maltratavam como eu tinha pedido a Nosso Senhor Jesus Christo. Um dos obreiros trouxe o seu capote, embrulhou-me nelle muito bem, pegou em mim ao collo e trouxe-me para aqui onde me deitaram n'esta cama branca em que agora me encontrais. Esta é a casa do bom Deus. Antes de eu dizer «tenho sede» já me trazem uma bebida bem quente: todos são bons para comigo e sobretudo vós, Mon-

senhor, que sois como meu papá e minha mamã, ou antes sois como o bom Deus para o pobre Mike!...

E ao dizer isto pegava-me nas mãos, as beijava e regava com suas lagrimas. A historia do pequeno Mike estava acabada; apenas lhe faltava gostar na terra um prazer precursor das alegrias inefaveis do ceu. O pensamento de sua primeira communhão foi o unico que o occupou d'ali em diante, e este pensamento enchia por completo o seu coração.



MARIA DO CARMO

No meio dos grandes trabalhos do meu episcopado — conclue o Cardeal Manning — a minha maior consolação era descansar um pouco junto do leito em que se consumia de dia para dia a vida de Mike, o pobre orphãozinho, por quem Jesus tinha predilecção divina.

Uma manhã eu mesmo lhe dei o pão dos Anjos, a santa Hostia, o penhor da vida eterna. Quando o recebeu seu rosto transfigurado por um reflexo celestial, já não parecia da terra Sua alma transportada pelo amor a Deus, não pode supportar sua felicidade, nem resistir á attracção divina; vouu ao ceu antes de declinar aquelle dia feliz que já não teve occaso para Mike o pobre orphão abandonado! . . .



Culto de Santo Antonio

ESCREVE-NOS o nosso bom assignante Rev.^o Padre Antonio S. João dos Santos vigario de Torredeita (Vizeu), noticiando-nos o desenvolvimento que tem tomado na sua freguezia a conhecida empresa de caridade, o *Pão dos Pobres de Santo Antonio*, cujos fructos se tem feito sentir por toda a parte com verdadeiro assombro.

Diz que apezar de não estar alli estabelecida canonicamente esta obra de reconhecida utilidade, já tem feito em pouco tempo distribuição do pão por tres vezes, sendo contemplados 106 pobres com ho-roas de 40 réis.

Tem tambem entrado bastantes associados para a Pia União de Santo Antonio.

Que Santo Antonio os ajude em tão louvavel empresa e fundação definitiva do centro para amparo dos seus pobresinhos.

*

E' tambem com o maior prazer que transcrevemos do «Diario da Manhã» (Ribeirão Preto — Estado de S. Paulo) a seguinte noticia ácerca do florescente acolhimento que alli tem tido esta grandiosa instituição, devida aos esforços do nosso prezado amigo e assignante, Alfredo Vianna P. de Souza.

ANNIVERSARIO DE SANTO ANTONIO DE LISBOA

Realisou-se na sexta-feira ultima, ás 8 1/2 horas da manhã, a missa rezada na nossa Matriz, em acção de graças, fazendo n'essa occasião uma bonita pratica o nosso rev.^{mo} vigario padre Joaquim, a qual foi muito apreciada pelo grande numero de fieis que enchia a egreja; finda esta, foram ben-zidas as medalhas com que foram contem-pladas varias damas devotas. Seguiu-se a distribuição a 100 pobres de outras tantas rações, um pão, 1/2 kilo de café em pó e 1/2 kilo de assucar refinado, doces, bisco-tos e rebugados ás creancinhas, e em se-guida foi entregue ao carcereiro da cadeia a quantia de 60\$000 réis em dinheiro para serem distribuidos pelos prezos mais neces-sitados.

A todos os assistentes commoveu este acto de caridade espalhado pela Pia União de Santo Antonio, em boa hora semeada na nossa cidade, cuja devoção de piedade augmenta diariamente, que tanto alegra a alma de todos.

Assistiu a esta festa de caridade a conhecida velhinha Rita Marques, de 73 annos de idade, conhecida pela velhinha de Santo Antonio; muito humilde, com a physionomia cheia de piedade, que sendo muito pobre, e soccorrida pela instituição, foi presenteada pelo nosso amigo snr. Vianna, com uma bonita medalha de Santo Antonio, pendente de uma fita verde, que muito alegrou a septuagenaria.

A's 5 horas da tarde, depois de reunidas na nossa Matriz as irmãs da Pia União de S. Paulo, e acompanhadas do povo e uma banda de muzica, seguiram para as obras da capella, a qual se achava toda ornamentada com bandeiras de varias nações e enfeitada com ramagem, tendo ao centro o ramo de oliveira ornado de rosas, symbolico á cobertura do templo destinado á caridade.

Em seguida o empreiteiro da obra, Manoel Soares, subiu ao telhado conduzindo a ultima telha enfeitada de fitas, e ao colloc-a foi saudado com uma salva de palmas pela multidão, subindo por essa occasião ao ar muitos foguetes, que annunciaram á população, ficar a capella coberta de telhas.

Em seguida, o ex.^{mo} snr. dr. Cunha Mendes proferiu uma bonita allocução referente ao acto, e a instituição de caridade de

Santo Antonio, que foi muito apreciado sendo ao terminar muito felicitado pelas pessoas presentes e assim concluiu a festa de caridade praticada pela pia instituição de Santo Antonio dos Pobres em Ribeirão Preto, em homenagem ao nascimento do notavel thaumaturgo portuguez.

As obras que medem 20 metros de comprimento por 7 1/2 de largo, fóra a sacristia, foram muito vizitadas, e cauzou a todos a melhor impressão.

0 Pão de Santo Antonio

DECLARAÇÃO

A Redacção da «Voz de Santo Antonio», julga opportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos funciona independentemente da sua direcção. Por onde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e colaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao Santo de que é órgão mensal. Não explora a erendice do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têm a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o nome de graças ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Igreja o julgar da sua authenticidade.

Braga

Petições depositadas.....	14
Cartas de agradecimento.....	11
Total das cartas.....	25
Quantia encontrada no cofre. Reis.....	273\$940

AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a

graça ou graças recebidas de Santo Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmolas mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vemos que a maior parte das graças não vêem ao publico, o que não pôde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que atteste o seu reconhecimento quem recebe os favores.

— Offereço 20\$000 réis para o Pão dos Pobresinhos, de Santo Antonio, em reconhecimento d'uma graça obtida por enterecção do mesmo Santo.

6-8-1902. — *Uma sua humilde devota.*

— *Bemdito Santo Antonio.* — Offereço-vos estes 200 réis pela graça que vós me concedestes de ficar bem no meu exame d'instrucção primaria.

Graças vos dou, meu Santo Bemdito, tambem pela graça que acabastes de conceder-me, em permittirdes que a minha professora ficasse satisfeita. Peço-vos meu Santo Bemdito que para o futuro sejaes sempre meu protector. Peço-vos mais que me deis a vossa santa benção.

Sou vossa indigna devota.

Barcellos e Recolhimento do Menino Deus, 12-9-902. — *Laura da Gloria do Amaral.*

— *Meu bom Santo Antonio.* — Venho a vossos pés, accetiae a esmola promettda de 200 réis para o Pão dos Pobres, e os agradecimentos pelo beneficio recebido. Continuae a proteger-me e a ajudar-me em todas as cousas da minha vida.—*B. B.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Venho reconhecidissimo dar-vos mil louvores pelo milagre que pela Vossa Santissima intercessão acabo de receber do Vosso Divino Mestre e Nosso Pae Amantissimo, Nosso Senhor Jesus Christo. O pedido foi verbal e cumpro a promessa feita enviando vos para o pão dos vossos protegidos 5\$000 réis.

Vosso devoto fervoroso. — *M. B.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — E' do fundo do meu coração que vos agradeço o favor de ficar bem no exame. Permitti que d'aqui por deante seja muito boa e dar-me juizo até á hora da morte.

Abençoa-me e a minha familia.

Maria Caetana Ferreira de M.

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — E' do fundo do coração que vos agradeço o favor que me fizestes de ficar bem no meu exame, e por isso, vos dou a esmola de 200 réis, para o pão dos vossos pobresinhos. Permitti que eu d'aqui para o futuro, seja muito bom, e dae-me juizo até á hora da morte, abençoa-me a mim a meu pae e a toda a minha familia.

Vosso filho. — *Domíngos dos Santos.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — E' do fundo do meu coração que vos agradeço o favor que me fizestes de ficar bem no exame e por isso vos dou a esmola de 200 réis, para o pão dos vossos pobresinhos. Permitti que eu d'aqui para o futuro seja muito boa e dae-me juizo até á hora da morte. Abençoa-me, a meus papás e a toda a minha familia.

Vossa filha. — *Alda do N. Cruz de Carvalho.*

— Manoel José Ferreira Torres, Gualtar, Braga. Offerece ao milagroso Santo Antonio réis 3\$000 por um milagre recebido n'um negocio que fez.

— *Meu milagroso Santo Antonio.* — Ahi vos deixo 500 réis pela graça que vós me fizeste da minha filha ficar distincta e mais 100 réis por me melhorares do encommodo que tive até aqui.

— *Glorioso Santo Antonio!* — Venho hoje por este meio agradecer-vos e cumprir o que vos prometti pela grande graça que me fizestes protegendo meu querido pae na sua viagem ao Brazil, na occasião em que alli grassava com mais intensidade a febre amarella. Vós não só o livraste d'aquelle terrivel flagello, mas tambem o protegestes nos seus negocios que alli o levaram e o restituistes ao scio da familia, livrando-o miraculosamente de perigos que o perseguiram no Rio de Janeiro. Eu cheia de gratidão e reconhecimento Vos agradeço todas estas graças enviandõ-vos a esmola que prometti para o pão dos vossos pobres.

28—5—902. — *Maria das Dores.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Agradeço o favor que me fizestes de ficar bem no meu exame e por isso vos dou a esmola de 200 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Permitti que eu seja uma menina muito bõa d'aqui em deante. Abençoe-me e a meu pae e a mais familia.

Vossa filha. — *Aida Pastora Mourão.*

CERVA (MONDIM DE BASTO)

Meu Glorioso Santo Antonio. — Venho agradecer-vos todas as graças que Nosso Senhor, por vossa intercessão nos tem dispensado, e pedir-vos perdão pela demora no cumprimento do meu dever. Já distribui pelos vossos pobresinhos, os mais necessitados, 42 broas de pão na importancia de 1\$680 réis. Esta quantia, como sabeis, parte foi dada por mim, pelo que vos prometti se a minha mulher, e meu filho passassem melhor de saude, o que felizmente obteve; e parte foi dada por uma mulhersinha que obteve a graça de receber uma herança que estava em termos de se desencaminhar. Finalmente, outra pessoa entregou-me 200 réis, por graças que obteve, o que tudo prefaz a somma acima.

A distribuição que fiz, foi-me auctorizada por pessoa competente.

Agora peço-vos, meu Santinho, para que peçaes muito a Jesus, para que elle favoreça aquella senhora, por quem já vos pedi, e que se vê atormentada com uma molestia que a medicina julga incuravel: pedi, pois, para que tal mal seja substituido pela saude.

Mais vos peço que façaes com que na nossa freguezia se organise o centro do *Pão dos Pobres*, para honra e gloria de Deus, do Vosso nome, e beneficio dos pobresinhos. Guardae e protegei a minha familia, os meus bemfeitores, para que, ajudados com a vossa protecção, possamos visitar-vos no Reino da Gloria que habitaes!

Vosso devoto. — *O. V. I. D. I. O.*

VINHAES

Relação das cartas d'agradecimento enviadas:

Glorioso Santo Antonio. — Em agradecimento dos Vossos beneficios, envio-Vos 500 réis para o pão dos Vossos pobres. Continuai a proteger-me, e todos os meus.

Vinhaes. — *A. R. P.*

— *Santo Bendito.* — Esta vossa serva e associada envia para os vossos pobres 500 réis, por graças que por intercessão alcançou de Jesus e Maria Santissima a protegei-me e a todos que me são caros.

Vinhaes, 4—8—1902. — *C. F. S.*

— *Santo Antoninho.* — Maria Rodrigues Thomé, dá para ajuda dos vossos pobres 40 réis, em agradecimento de lhe melhorardes um animal

Vinhaes, 23—4—1902.

— Francisca Antonia Gomes, para o pão dos vossos pobres vos envia 500 réis, por ella agradecei a Nossa Senhora o regressar o seu filho do Brazil com saude.

Vinhaes, 11—8—1902.

— D. Ricardina da Silva Buiça, agradece-Vos as vossas graças e envia 500 réis para o pão dos Vossos pobres.

Vinhaes, 28—1—1900

— Envio para o pão dos pobres de Santo Antonio, em agradecimento ao favor que obtive 40 réis.

Vinhaes, 5—3—1902. — *J. A. S.*

— Thereza Elisa, em agradecimento do despacho de professora, Vos envia 80 réis.

Vinhaes, 4—7—1902.

— Pelas melhores dos animaes que tive doentes, Vos envio como agradecimento 240 réis para os Vossos pobres.

Vinhaes, 2—8—1902. — *Thereza Romão.*

— D. Eugenia Leitão Beça, envia para os Vossos pobresinhos 850 réis em agradecimento ás Vossas graças.

Bragança, 5—4—1902.

— *Glorioso Santo Antonio.* — Maria Gonçalves Vos envia 200 réis para o pão dos Vossos pobres. Villa Verde, 7—5—1902.

TORRES VEDRAS

Um obscuro devoto de Santo Antonio obteve por sua intercessão a graça de recuperar uma mala que perdera, por sua incuria; mala que contiha valores.

Deu uma pequena esmola para o Pão de S. Antonio e dirigiu-lhe algumas orações impetratorias e o Santo dignou se de attender fazendo apparecer a mala que foi achada no estado em que a perdera.

Por este favor immerecido vem a agradecer, d'este modo, ao grande Thaumaturgo, pedindo á Redacção do jornal «Voz de Santo Antonio» o obsequio de publicar essa graça no seu acreditado jornal para a maior gloria do Santo.

E muito obrigado.

10—9—902. — *P. G. T. M.*

VILLA FLOR

Rev.^{mo} Snr.

Remetto hoje em vale do correio a quantia de 1\$500 réis para o «Pão de Santo Antonio», sendo 1\$000 réis do venerando Arcipreste e Reitor de

Sampaio, José Tiburcio d'Azevedo, e o restante de D. Maria José Garção.

De V. Rev.^{ma}, servo em Christo,
P. Antonio José de Moraes.

S. BERNARDINO

Meu querido e protector Santo Antonio. — Agradece-Vos o beneficio que me fizeste que á tanto tempo Vos tinha pedido que até me já tinha esquecido e só agora me recordo que queria fosse publicado na «Voz». Era que entrasse a religião na minha casa e já consegui agora meu Glorioso Santo protegei-me e a meu marido e filhos e permiti que minha filha tire bom resultado aonde está e pedi a Nosso Senhor que nos ajude. — M. J. A. L. T.

MAFRA (LIVRAMENTO)

Snr. Director

Peço-lhe o favor de publicar na «Voz de Santo Antonio» o seguinte:

Meu Glorioso Santo Antonio. — Em meu nome e de minhas irmãs venho agradecer-Vos a graça que nos acabaes de conceder, e enviamos para os Vossos pobresinhos 1\$000 réis como Vos promettemos.

Peço-Vos meu querido Santo Antonio que me protejaes sempre, e se me fizerdes a graça que Vos tenho pedido enviar-Vos-hei mais 1\$000 réis:
Uma vossa devota.

—Quantias recebidas n'esta redacção e levadas ao seu destino:

D. Maria Rosa—Atalaya (Lourinhã)....	500
João Maria—Molêdo (Lourinhã).....	200
Rev.º padre Ubaldino da Conceição—Gôa (India).....	340
Um seminarista—Rachol (India)	400
Por intermedio do nosso presado correspondente rev.º padre Antonio José de Moraes recebemos de:	
Rev.º José Tiburcio d'Azevedo.....	1\$000
D. Maria José Gascão.....	500
D'uma devota (Livramento).....	1\$000
Total réis.....	2\$940

Novos membros da Pia União. — Inscriptos até 31 de setembro.

Patriarchado de Lisboa.

Numero de pessoas que entraram na Pia União de Santo Antonio durante a ultima visita pastoral nas freguezias de:

Mira	674
Alqueidão da Serra	552
Minde	632
Espite	222
Olival	368
Alvados	586
Arrimal	262
Alcáiria	359

Cêrro-Ventoso	181
Mendiga	462
Fatima	872
De varias partes.	28
<i>Diocese de Bragança.</i>	
Vinhaes	41
<i>Archidiocese de Braga.</i>	
Limões.	1:000
<i>Archidiocese de Gôa.</i>	
Assolúa.	16
Somma	6:255

Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.
As missões no ultramar.

A perseverança de dois pobres peccadores.

Dois enfermos.
Uma familia.

Necessidades que nos foram recommendadas.

Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.



OS NOSSOS DEFUNTOS

Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus.

Padre Francisco Joaquim d'Araujo Magalhães, cura da freguezia de Cerva.

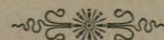
Falleceu no dia 6 do corrente á 1 hora da tarde, victima d'uma apoplexia. Ainda na vespera se tinha confessado, e no dia em que adoeceu e morreu tinha celebrado missa e confessado até ás 9 e meia horas da manhã. Era assignante da «Voz de Santo Antonio» e Terceiro de S. Francisco.

— Padre Antonio Narciso Pereira, de Celorico da Beira — Linhares, assignante da «Voz de Santo Antonio».

— Antonio José Ribeiro, de Leiria, Rigueira de Pontes (logar das Chans), tambem era assignante da nossa revista.

— Padre Antonio José Teixeira, Linhares (Celorico da Beira). Era assignante da «Voz de Santo Antonio.»

R. I. P.



Secção scientifico-litteraria

Um bom livro

ANTES de mais nada, começamos por já recomendar o Compendio de Theologia Dogmatica que temos presente. (1) Depois de o vermos com a maior attenção, ficamos com a plena convicção de que difficilmente se encontrará outro superior a este. Dividido em quatro volumes in-8.º, com mais de 400 paginas cada um, adapta-se, perfeitamente, ao curso seguido em qualquer dos seminarios, ou elle dure tres ou dure quatro annos. Nos seminarios onde o curso theologico dura tres annos, pôde desprezar-se o typo menor, pois que se acha toda a doutrina bem explicada e exposta em o typo maior.

A obra, como está indicado, é escripta em latim. A linguagem e o estylo, é simples mas perfeito, limado e, por vezes até harmonioso.

Isto, quanto ás qualidades materiaes. Quanto á forma, perfeitamente de accôrdo com o que já foi dito por auctorizados periodicos e revistas estrangeiras, de grande notabilidade, como: — *Il Monitore Ecclesiastico*, *Les Etudes Religieuses*, *La Civiltà Cattolica* e outros. Unicamente teremos a accrescentar, ao expôr o plano da obra, e as considerações que ella nos suggeriu ao perpassar a vista pelas suas paginas, quanto o compendio vem a propósito, para acudir ás necessidades religiosas e scientificas n'este desgraçado paiz, donde desertaram ha muito a consciencia, a fé, e todas as virtudes christãs, para darem logar a um egoismo marmoreo, e a uma ignorancia e estupidez inconcebivel, ácerca de tudo que pôde levantar-nos no conceito dos estranhos, religiosa, moral e politicamente.

O methodo seguido pelo auctor, está indicado cathegoricamente no titulo da obra. Não se julgue, porém, que offerecemos ao publico illustrado um bloco de massuda e maçadora escolastica, como ás vezes por ai é dito por quem, de outiva apenas, e, ainda mal, sabe da existencia secular da Escolastica, e, menos, o que ella foi no me-

dio evo. Não. Aqui não ha a aridez nem o enfado que em outros compendios, falsamente escolasticos, tanta vez se encontra.

Mazella conhece o seu tempo; sabe em que época escreve; é um escolastico moderno em todo o rigor d'estas duas palavras respeitaveis, para quem conhece profundamente a historia. Dá de mão a certas questões inuteis e superfluas, que têm feito esbarrondar muita intelligencia e grandes talentos até. Occupa-se com vagar dos assumptos que hoje mais prendem a attenção da Igreja e dos seus adversarios mais ferrenhos.

Cinge-se á doutrina, e dirige se, sem divagações superfluas, ao fim que tem em vista, de provar e estabelecer, nas suas bases inconcussas, as verdades catholicas, as definições da Igreja e dos concilios, e os ensinamentos dos Padres e dos Doutores.

Além d'isto, concede sempre, na demonstração e illustração das teses, um logar importante á razão humana, que tanto se compraz em espargir os seus raios pelas sciencias ecclesiasticas.

Não explicamos mais minuciosamente o methodo do auctor, porque os leitores já conhecem, ou mais ou menos, o systema escolastico, pela noticia que aqui se tem dado de outras obras semelhantes.

O primeiro volume abrange seis tratados. O primeiro d'elles é sobre a verdadeira religião e a sua necessidade. Ai se prova, contra os indifferentes, atheus e gordos materialistas, ou, para melhor me exprimir, contra os animaes immundos da especie humana, que a religião é indispensavel tanto ao individuo como á sociedade; que esta não pôde subsistir sem aquella; que não é licito abraçar qualquer religião indifferente; que a tolerancia absoluta das religiões tão decantada e descaradamente praticada pelos pseudo-politicos hodiernos, é a prova frizante da ignorancia e do rebaixamento intellectual e moral da sociedade moderna, filha dilecta da anarchia e da revolução, e dominada mais pelo egoismo, pelo histerismo e pela nevrose, do que pelas crenças salutaes e indispensaveis em Deus, pelas verdades da religião e pelas leis da justiça social.

Segue-se um longo tratado da Revelação, do Milagre e da Profecia, onde muito podem aprender os miopes, que não duvidam admittir, na ordem natural, factos e acontecimentos cuja causa ignoram e que

1) *Prælectiones Scholasticæ—Dogmaticæ—Auctore Horatio Mazella.*

baralham os dados e principios scientificos, e effeitos que surprehendem e ilaqueiam a razão humana; e repelem, *a priori*, como a maior das loucuras, e não consentem que o auctor da natureza suspenda ou modifique a mesma natureza, e varie os effeitos dos agentes naturaes.

Em um capitulo sobre a revelação christã, demonstra-se evidentemente que a Religião Catholica é a unica verdadeira e admissivel, como o attestam a sua origem divina, a sua conservação e propagação admiraveis através dos cataclismos que sepultaram em ruinas os desenove seculos que para ali ficam.

Recommendamos o tratado ácerca da Sagrada Escripura, aos pigmeus protestantes e protestantizantes que estão invadindo os centros principaes do paiz, e espalham, a mãos plenas e gratuitamente, uma alluvião de bibliazinhas por toda a parte, com o criminoso consentimento e complacencia das nossas auctoridades, que tudo farão, menos o proprio dever, menos o cumprimento das leis. Aqui aprenderão de que livros se deve compôr qualquer exemplar da Biblia, qual o canone verdadeiro dos livros sagrados.

Em seguida, o tratado da Tradicção Divina.

Depois, o da Igreja, onde se ensina claramente o que é e o que ha-de ser, até ao fim dos tempos, esse grandioso edificio construido por Christo, contra cujos muros seculares se tem quebrado as ondas alterosas, frementes e rugidoras da heresia, das seitas e da má fé seitosa.

Ligado a este, vem o tratado do Pontifice romano, onde são postos em evidencia: o primado de Pedro sobre os demais apóstolos; a perpetuidade do mesmo primado nos seus successores; a infalibilidade doutrinal e moral que lhe foi concedida por Christo, e a permanencia indefinida d'estas qualidades excelsas, por via de successão directa e legitima, nos bispos de Roma.

Remata o primeiro volume um extenso tratado sobre a fé. Termina por mostrar que a fé não é opposta á razão, que, ao contrario, uma axilia a outra, e que ha entre as duas a mais perfeita e intima aliança.

O desenvolvimento que se dá a esta parte, vem, a matar, para esta terra de gêtas, onde se falla, com a liberdade mais desen-

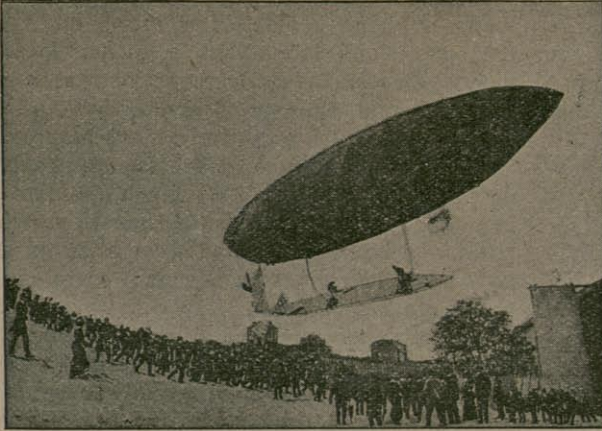
freiada e a ignorancia mais boçal, de tudo que mais se ignora; e onde se acredita em todas as pueris novidades e falsas doutrinas, que lisongejam o vicio e as perversas inclinações da natureza, e se desvirtua e regeita, como opposto á razão, tudo que refreia as paixões e educa os maus habitos.

O segundo volume, desperta um grande interesse em virtude do largo desenvolvimento que se dá a todas as questões, debatidas actualmente entre os catholicos e as seitas adversarias da Igreja; entre orthodoxos e heterodoxos.

O atheismo moderno é perseguido em todos os seus reductos e esmagado sob o peso enorme de uma argumentação cerrada e irrefutavel. A origem da materia, o accordo entre a geologia e a Biblia com respeito aos periodos da creação, a origem da vida, a unidade da especie humana, a antiguidade do homem sobre a terra, e outros assumptos conhecidos e relacionados com este, são discutidos como merecem, e, as conclusões mais recentes da sciencia, estabelecidas nas suas verdadeiras bases. Tudo provado de modo a não deixar ancipite a intelligencia, nem receios no coração. O racionalismo, o darwinismo, o magnetismo, o mesmerismo, o espiritismo, o ipnotismo e outras alcavalas putridas, geradas á imagem e similhaça da desorientada sciencia moderna, são avalORIZADAS como merecem, e recebem a pulverização mais definitiva. O sabio escriptor entra no amago das questões, eviscera todas as difficuldades, colloca o leitor ao abrigo de qualquer ataque, e põe-o em condições de formar dos assumptos um conceito e um juizo completo e seguro.

Acompanham os tratados importantes notas instructivas, ácerca das sciencias naturaes, em suas relações com o dogma, e tambem um farto e copioso indiculo bibliographico. E' a erudição a coroar a sobriedade e a fórma rigorosamente didascálica do texto.

A primeira parte do terceiro volume, sobre a Incarnação e as prerogativas da Virgem, Mãe de Deus, é superior a todo o elogio. Aí se ensina o que se deve pensar d'esse grande mysterio do amor intensissimo de Deus para com a humanidade decaída, realizado ha dois mil annos na prophetica cidade de Belem. Aí se dá a conhecer, em toda sua elevação, a extraordinaria figura do divino fundador do Christia-



DESCIDA DO BALÃO SANTOS DUMONT

nismo, e se expõe, em toda a sua belleza fascinante, a grande obra da Redempção. Aí se aprende quão elevado conceito se deve fazer da vinda do filho de Deus á terra, em contraposição á baixa ideia que se está formando de Christo, mercê da má imprensa, e ao diminuto e insignificante logar que muitos sabios *soi-disant* e menos que balôfos, hodiernamente lhe dão na historia e nos destinos sociaes.

Estudem bem este tratado os discursadores banaes e os prégadores mais verbosos do que sólidos, os quaes, para imprimir aos seus trabalhos *oratorios* um caracter de modernismo materialista, que não genuinamente catholico, se envergonham de dar a Christo o seu verdadeiro nome de: filho de Deus e Deus tambem, Messias, Salvador, Redemptor, Jesus, Bom Pastor e outros, e o substituem por denominações ridiculas e puramente terrenas, ou peor ainda, chamando-o: o loiro Rabi, o sublime philosopho da Galilea, o grande martyr do amor, o primeiro personagem da historia, o heroe do Golgotha, o maior patriota que jámais existiu, e outras frases retumbantes que nada dizem, que rebaixam o proprio Christo; completamente inintelligiveis para o povo, e que constituem a linguagem dos oradores chamados modernos, da actualidade, á altura dos progressos da sciência (?)

Todos os assumptos que dizem respeito á divina Mãe do Verbo, são desenvolvidos com diffusão e grande cópia de conhe-

cimentos. A Maternidade de Maria, a sua Immaculada Conceição, a sua perpetua e ilibada Virgindade, a Assumpção, os seus officios de Corredemptôra, e mediadora nossa junto de Deus, são uma bella apologia d'Aquella que foi encarregada pelo Todo Poderoso de ser, n'este mundo, guia e direcção do homem, d'esse caminheiro errante do deserto brejoso da vida em demanda do delicioso e ameno oasis da bem-aventurança eterna.

A sciencia de Mazzella ácerca da Graça é admiravel. Destrinça as suas difficuldades enormes com uma precisão, clareza e profundidade, que nada deixam a desejar.

A economia religiosa e social, estabelecida por Jesus Christo na Igreja, e sintetizada nos sete sacramentos, é considerada com largas vistas e profundidade pouco vulgar. A questão das ordenações anglicanas, tão debatida entre a Santa Sé e os primeiros sabios da igreja inglesa, e ha pouco resolvida terminantemente por Leão XIII, é claramente exposta e estudada nos seus verdadeiros termos.

As questões que mais vivo interesse despertam hoje, as verdades mais justadas e de maior importancia, como a da presença real, a da instituição divina da confissão, o celibato ecclesiastico, a transsubstanciação, a missa e os seus effeitos multiplos e extraordinarios, as indulgencias e o poder da Igreja para as conceder, a indissolubilidade do matrimonio, são tratados com mão de mestre, e com o desenvolvimento que a actualidade pede.

Os novissimos tremendos do homem fecham a obra, como hão de ser o epilogo inevitavel da humanidade e da Igreja no fim dos tempos.

Meditem bem as verdades contidas no ultimo volume, os mações e maçonizantes de todos os paizes e de todas as côres, todos os incredulos, todos os catholicos pelo cerebro e pelo coração e só quando a politica o requer, os judeus, usurarios, agiotas e sugadores do pobre, e principalmente os governos falsamente catholicos, que traficam com a religião segundo o exigem *as altas e imprescindiveis conveniencias do Estado*; que legislam para a Igreja e lhe coarctam a liberdade, e a das congregações

religiosas e do clero; que abusivamente pretendem dominar as consciencias e regular os actos intimos de cada um, e que, ao contrario, deixam impune, quando não lhe pagam e a assalariam propositadamente, a canalha insultante das ruas que enxovalha e chasqueia o transeunte pacifico, o jornal desalmado e a pornographia immoral e obscena que enlameiam e aviltam as pessoas e familias honestas e honradas, e contaminam os mais bellos caracteres, com o veneno que em abundancia lhes circula pelo organismo luciferico.

A taes governos, a todos os desmoralizadores e encharcadores da sociedade, recommendamos essa doutrina infallivel, que deve ser a regra de vida de todos nós.

Lembrem-se que, um dia, a rasoira da morte ha de nivelar o throno dos despotas com a enxerga do povo humilde e laborioso, a quem o individualismo autoritario suga com a injustiça e crueldade das suas leis e decretos leoninos; a quem os governos de padrinhagem que para ahí vegetam com a protecção das seitas e de muitos catholicos pintados e de estomago, vergam quotidianamente, até á flôr da terra, com a canga insupportavel da sua tyrannia lupina; a quem, depois de reduzido á ultima extremidade pelo latego do infortunio e da escravização, esses mesmos que lhe beberam o suor e o sangue, arrojam de si como a mais inane existencia e o ser mais repelente.

Não esqueçam esses abutres e corruptores, que, um dia, descera entronizado sobre as nuvens, e precedido de raios e trovões, Aquelle que, sendo senhor de tudo, será inexoravelmente justo para com a humanidade, a quem exigirá, sem appellação nem aggravo, a restituição dos talentos que lhe deu para negociar a sua perpetua felicidade. E Deus, sabe discernir bem o aroma rescendente e balsamico da virtude, dos miasmas putridos do vicio.

Attentem bem na doutrina dogmatica, e estudem a Igreja em todas as suas manifestações, os petimetres ignaros e burlescos frequentadores de todas as reuniões e assemblêas, onde mais se falla do que mais se ignora, e onde se de-

turpam as mais sublimes verdades e os mais elementares principios da moralidade. Profundem os mesmos estudos os sabios *soi disants*, escrevinhadores do jornalismo indigena; os *habitués* das arcadas, dos theatros, dos salões, dos cafés, cujo saber se reduz, á leitura apressada dos periodicos e dos folhetos superficiaes que por ahí correm, e nos quaes se encontram, não poucas vezes, os abôrtos repugnantes dos mais derrancados cerebros. O mesmo recommendamos aos que no comboio, na rua, na conversa, em sua casa, em toda a parte, fazem gala de fallar de Deus, da religião, da Igreja, do clero, e de tudo que é mais indispensavel á vida moral das sociedades, como se fossem uma pura droga ou uma velharia ultra-arcaica.

E os prégadores, se querem, como é natural, que os seus sermões produzam o fructo desejado da conversão dos povos a uma vida melhor, recordem-se que o sermão deve, além de reflectir a doutrina pura de Christo e da Igreja, ser sempre adaptado ás circumstancias de cada região e das pessoas que ahí vivem. E tal effeito será pouco menos do que nullo, copiando tudo de sermonarios estrangeiros, que hão de carecer, necessariamente, d'aquella indispensavel orientação e adaptação. Profun-



DUMONT NO MEIO DE SEUS AMIGOS E ADMIRADORES

dem a Moral, a Dogmatica, a Historia, o Direito, a Liturgia, e, sobretudo, os estudos biblicos, e farão, com certeza, discursos melhores do que nenhum dos que andam publicados, porque serão melhor apropriados ás exigencias da época e ás necessidades dos povos.

E todo o escriptor, todo o jornalista, todo o padre tenha sempre presente, que actualmente, cada catholico tem de ser um soldado em armas, prestes sempre para a defesa das suas crenças, da Igreja e da moralidade. Mas, particularmente, o clero, lembre-se que é o embaixador extraordinario de Deus junto dos homens; que tem uma missão sublime, mas complicadissima e tremenda, a cumprir até ao derradeiro suspiro, sem treguas nem alianças traiçoeiras com os inimigos; que tem de ser o general das hostes agueridas de Christo e que, por todos estes motivos, ha de estar revestido da couraça de um valor e virtude inquebrantavel, e de uma sciencia universalissima, profunda e sem rival, e penetrado do espirito de Jesus Christo e do ardor irresistivel de um apóstolo.

VICTOR.



BIBLIOGRAPHIA

Bibliotheca Popular de Legislação. — *Administração: Rua de S. Mamede, 111 (ao largo das Caldas).*

«Regulamento dos serviços da inspecção geral do sello e do respectivo corpo de fiscalisação», approved por decreto de 9 de agosto de 1902.

— Conforme a nova publicação (rectificada) incerta no «Diario do Governo» de 1 de setembro de 1902. — Preço 160 réis.

Recebemos mais da mesma empreza:

«Regulamento do imposto do sello». — Approved por decreto de 9 de agosto de 1902. — Seguindo dos modelos que acompanham o mesmo regulamento.

Preço 200 réis.

Estes dois regulamentos, bem como outras publicações analogas recommendam-se por si mesmas aos interessados em materias de legislação.

Benedicite. — Manual de canticos sagrados em portuguez e em latim, com um appendice de orações, por Frei Pedro Sinzig, O. F. M. Segunda edição correcta e augmentada. Friburgo em Brigau (Allemanha) B. Herder, Livreiro-Editor pontificio.

Eis um livro que deviam comprar todos os

seminaristas que se preparam para a vida pastoral, todos os curas de almas para propagar na sua freguezia a verdadeira musica religiosa: simples e devota.

Em trezentas e trinta e tres paginas contem canticos em portuguez para todas as festividades principaes do anno. Especializamos os canticos para a quaresma, muito apropriados para as missões, novenas e triduos.

De facilima melodia e bem composta, e sentimental poesia decoram-se bem pelo povo ignorante na arte de cantar.

Quanto ao caracter do livrinho oigam o auctor no prologo:

«Convem declarar entretanto que o nosso livrinho não contem d'esses canticos que segundo o parecer dos entendidos não devem ser cantados nos logares mais santos que ha na terra — nas egrejas — ou porque as suas melodias carecem da dignidade e da santidade que se impõem com o caracteristico do templo de Deus; ou porque são de tal vivacidade excessiva ou de tal molleza sensual demasiada; ou finalmente porque foram tiradas das óperas ou de outras musicas profanas o que prohibe expressamente a nossa Santa Igreja. Além d'isto o canto popular já por sua propria natureza deve ser muito facil e simples. O fim principal da musica sacra não é deleitar os sentidos, mas honrar a Deus e edificar os fieis. A musica tem de transfigurar as nossas orações e elevar a Deus os nossos corações.

Por esta razão é que diz José Mohr o afamado e conhecido auctor de muitos manuaes de canticos sacros no prefacio do seu: *Manuel de chant*: Sem duvida alguma, a simplicidade d'estas melodias póde no principio desagradar a alguns espiritos. A culpa não é porem d'estes canticos, mas dos ouvidos corrompidos por esses canticos de mau gosto, contra os quaes ha muito tempo já a Igreja tem clamado: *Consuetudo consuetudine vincitur*.

Continuem porém com alguma perseverança e verão logo que os alumnos saberão apreciar estas piedosas melodias, que os induzem a louvar a Deus e a trabalhar pela sua maior gloria, o que vêem a ser o prenuncio da oração e portanto de musica sacra.»

Os amantes da musica sacra não deixarão de propagar este bom livro.

Da mesma casa editora recebemos:

Cancioneiro de modinhas populares, por Frei Pedro Sinzig O. F. M.

Pelos dizeres do auctor no prologo do elegante voluminho, um verdadeiro mimo, para os meninos e meninas que começam a estudar musica, avaliará o auctor o caracter das canções que contem.

«A musica» — na phrase do ill.^{mo} e rev.^{mo} snr. padre Antonio Gonçalves Cortes — «allia-se perfeitamente ás mais graves circumstancias; a sua cultura constitue uma occupação innocente, uma agradável diversão para o animo fatigado por estudos prolongados; e é bem verdade, que empregados com moderação e prudente escolha dissipa as nuvens da tristeza, recreia saudavelmente o nosso espirito, e dispõe-nos para os mais rudes trabalhos.»

Fiz todo o esforço por apresentar n'este pe-

queno cancionero uma «prudente escolha» de musicas populares, banindo tudo o que possa ofender os animos innocentes. Quasi todas as musicas são faceis, simples e apropriadas á escola e ao lar domestico.»

A propagação d'este livrinho muito concorrerá para extinguir e expurgar do campo, das villas e cidades, esse enxamear de fados e modinhas tão offensivas da moral e do pudor. Tarefa difficil mas possivel, a que ninguem, que eu saiba, tenha mettido hombros valorosos. Praza aos céos que o bom franciscano com o seu trabalhinho colha os fructos de civilização que intentou semear.



As nossas illustrações

I — A IRMÃ DA CARIDADE. — Silencio leitores!

Voltae devagarinho esta pagina que é berço d'uma alma que dorme celeste somno. Não quebreis a solidão do claustro. Não acordeis do seu extasis a Irmã da Caridade que entre as flores do jardim, fechado o devocionario, parado o rosario que ainda agora lhe corria vagarosamente pelos dedos de neve, haure consolações intimas que só ella gosa, no seio de Deus em que foi poisar o seu espirito, innocente como aquella pomba que lhe afaga o collo.

Nós, os mundanos, não comprehendemos esses vôos das almas puras innocentes, esse repouso amoroso do amante divino no seio de Jesus, porque os gosos da terra, o lodo das paixões se nos apega ás azas da nossa alma entrophecida e lhe estorvam o vôo, mas ella a irmã dos anjos, do sacrificio, da caridade, . . . mas calemo-nos que a nossa lingua é impura, deixae que reine em torno d'este anjo da terra sepulchral silencio.

As brisas não embolam os lirios e goivos do seu jardim, as aves que esvoaçam pelas telhas dos seculares do convento não pepitam, os bronzes da torre continuam mudos.

Calemo-nos tambem. Deixae, deixae dormir no seio de Jesus a irmã do seu coração divino, a irmã da Caridade.

Cá fóra da clausura teçamos o seu elogio, mal que seja, para ella é tudo o mesmo: não nos ouve. As ondas mundanas das injurias ou do elogio, umas e outras vão quebrar-se nos muros da sua clausura como escarceus nas brutas rochas da praia.

Digamos o que sentimos, mas em poucas e simples frases, da Irmã da Caridade.

*

A Irmã da Caridade!

Eis um nome sublime trocado pelos prazeres do mundo, pela formosura e por todos os attractivos com que a terra nos seduz.

Este nome imprime na nossa mente duas ideias tão intimamente unidas que é impossivel conceber uma sem a outra: o sacrificio e o amor. O amor tudo suavisa: o trabalho, os tormentos e a mesma morte. Sacrifica todas as commodidades, as dilicias do presente e as esperanças do futuro. Sacrificou no Golgotha o primeiro martyr da humanidade; após elle innumeraveis victimas são immoladas todos os dias e por toda a parte no allivio dos miseraveis.

Em toda a parte se encontram essas victimas, esses anjos da caridade. Aqui sentadas ao pé do leito fechando as chagas, além em busca dos orphãosinhos para servir-lhes de mãe, ali pedindo esmola de porta em porta para os seus pobresinhos; no campo da batalha entre os feridos e moribundos, consolando uns e ensinando outros a morrer na paz do Senhor e orando por aquelles que succumbirão cumprindo o seu dever. D'onde veem tantos sacrificios? Quem poderia inspirar taes provas de dedicação pela humanidade?

Foi Jesus que introduziu na terra obras tão sublimes quando disse: tudo o que fizerdes aos meus pequeninos será como feito a mim. Na verdade, se perguntarmos a essas heroínas da caridade qual é a origem do seu amor, mostram nos o Crucifixo.

Como o amor tem o privilegio de fazer resplandecer em tudo o objecto amado, aquellas mulheres heroínas em tudo vêem Jesus; nas feridas, nas chagas, nas mãos e nos pés dos miseraveis, vêem as feridas e as chagas de Jesus.

Se percorrermos a historia da antiguidade pagã não encontraremos em parte alguma tamanhos sacrificios. O ideal humano é impotente para produzir obras tão maravilhosas. E' necessario recorrer ao amor divino que é a origem de todos os sacrificios nobres. Não se sacrificam por motivos materiaes a patria, a familia, a liberdade e a vida.

Sim, só o amor pode dar estas inspirações, só o amor pode dar forças para actual-as e para vencer difficuldades e superar tantos obstaculos.

Estas heroínas comprehendem muito bem o amor que Jesus teve á humanidade

e procuram tirar da doutrina evangelica o remedio para todos os males que opprimem a humanidade. Inspiram a caridade ao rico, a resignação ao pobre, alliviam o peso da vida e tornam suave a morte: animam a combater as paixões e a praticar a virtude. E' tão ardente o seu amor pelos miseraveis que nada temem, nada as atemoriza, nem a longa viagem por plagas inhospitas nem os perigos, nem a insalubridade do clima, nem a barbárie dos povos. Onde houver dôres a mitigar, chagas a curar, ignorantes a ensinar, ahí vôm intrépidas corajosas e dispostas a dar a vida para soccorrer os indigentes e miseraveis.

Como são sublimes as maravilhas da caridade christã. A sua patria é o mundo, seus irmãos são todos os homens; não fazem distincção de paiz nem de religião, soccorrem a todos igualmente e procuram ensinar a verdade aos que d'ella estão separados. Ensinam, educam e salvam um grande numero de creancinhas abandonadas; regeneram e restituem á vida honesta tantas e tantas pobres que sem o auxilio da caridade morreriam na vergonha dos prostibulos.

Abençoadas cooperadoras de Jesus na regeneração sócial, de quantos beneficios vos são devedores os homens! Martyres da humanidade! tendes direito á gratidão de todas as almas generosas e á admiração da sociedade.

No meio de tantos trabalhos e de tantas fadigas, não buscam na terra a recompensa de seus suores derramados muitas vezes nas florestas incognitas ao mundo civilizado. Desapegadas completamente de tudo o que é humano, fitam os olhos no Céu, onde esperam a recompensa infinita de uma vida passada no antro da miseria onde ha fome, gemidos e doenças. Os espiritos pervertidos não comprehendem as sublimações da caridade christã, por isso cospem doestos nessas mulheres que mais parecem anjos vindos do Céu para confortar os desgraçados. Ellas, sempre com o sorriso nos labios alegram-se por serem dignas de soffrer por amor de Jesus.

Assim como a caridade é a essencia do Christianismo, as Irmãs da caridade são a personificação do Evangelho. Todas as paginas dos livros sagrados se reflectem em suas obras por uma esculpida observancia dos preccitos e exacto cumprimento dos seus conselhos.

E' na doutrina de Christo que está a salvação da sociedade. Só o Christianismo infunde na alma sentimentos nobres e generosos, suscita virtudes energicas, inspira acções grandes e fortes, as da Irmã da Caridade.

*
* * *

II — MARIA DO CARMO. — Que formoso nome!

Pois vamos roubar-lh'o e trocal-o pelo que melhor lhe fica.

Chamemos-lhê Maria de S. Antonio.

Se os paes de tão ditosa filha lhe entrevissem o futuro no dia do baptismo tinham-no preferido.

Mas porque commetter tal attentado, para com uma creança que só nos merece caricias e amor?

O culpado é S. Antonio. Não o acreditaes?

Já o vereis.

Entre os alumnos que no convento dos Remedios frequentavam as aulas andavam tres irmãs filhas de uma christã familia da cidade de Braga. No aziago dia cinco de setembro, a mais nova, de quatro annos e meio de idade, deu em tão má hora uma queda que o braço esquerdo fracturou-se-lhe junto do cotovello.

Foi chamado logo um distincto clinico d'esta cidade.

— O braço não tem cura; a menina fica aleijada, sem poder servir-se d'elle. Contudo pôe-se-lhe um aparelho para, corridos vinte a quarenta dias, se dar ao braço uma posição conveniente.

Foi o juizo do facultativo.

Pode imaginar-se o assombro da mãe ao ouvir tão triste affirmação.

Para desabafar seu coração materno, ferido com tão aguda espada, foi ao convento dos Remedios contar ás religiosas o que se passára.

Uma religiosa animou-a muito com a devoção a Santo Antonio, e entregou-lhe dois exemplares da milagrosa oração: LEMBRAE-VOS Ó GLORIOSO SANTO ANTONIO, um para recitar durante nove dias com a familia, o outro para apertar sobre o braço doente.

A mãe sahiu perplexa entre a confiança de boa christã, e a duvida do coração ferido por um golpe de cuja cicatrização desesperaram os meios humanos.

Começou-se a novena em casa da desolada familia.

Ao terceiro dia a innocente enferma chama pela mãe e diz-lhe que a milagrosa oração lhe tinha cahido do braço, mas que já não era necessario tornar a pôr a por que já não tinha dôr nenhuma, que já boia com elle. A mãe não acreditando na affirmação da innocente, torna a ligar a oração que depois de ligada cae de novo; torna a ligal-a com toda a precaução e terceira vez cae, e a creança sempre a pedir que lhe tirem tudo do braço, que está boa, que não lhe doe nada que já bole com elle.

— Olhe mamã como bato com elle. E a pequena agitava o braço com ligeireza em todos os sentidos.

Isto passou do terceiro dia até ao nono.

A mãe estava convencida do milagre, mas não se atrevia a ir contra as ordens do medico que então estava fóra de Braga.

Movida pelas instancias da creança resolveu-se finalmente no decimo terceiro dia, a desapertar e pôr livre o braço da pequenina enferma, e querendo por um escrupulo de amor materno, dar-lhe uma fricção a menina acudiu:

— Não preciso não me doe nada; a mamã não vê como o vergo.

Ao regressar a Braga o medico ficou admirado de o chamarem tão cedo e estranhou não terem cumprido as suas ordens, mas ao observar o que se passára depois de examinar demoradamente o braço, confessou á familia que se não podia duvidar do milagre.

Maria de Santo Antonio — já comprehendem porque lhe trocamos o nome, — continua usando do seu braço esquerdo forte e sadio como d'antes.

Não registamos mais cedo na *Voz de Santo Antonio* esta cura que pelas circumstancias alguma coisa tem de milagrosa para que o tempo confirmasse o que a sciencia clinica do seculo vinte não ousou attestar publicamente.

Feliz creança! Que ditosa não és sob o especial patrocínio do Grande Santo cujo poder é quasi omnipotente!...

Se o grande Thaumaturgo tão cuidadosamente olhou pela tua saude corporal, se se interessou pelo que menos vale em ti, como se não desvelará pela candura de tua alma, pela tua innocencia, pelo que em ti

mais attrahe, mais encanta, mais aproveita mais vale?

Lança-te confiada nos braços do teu poderoso medico, que elle saberá olhar pela saude de tua alma. Que o teu novo nome te lembre o dia oito de setembro de mil novecentos e um, e que a tua vida não contradiga no futuro nome tão lindo e memoravel.

Praza aos ceus que um dia ao visitarem os christãos o cemiterio da tua ultima jazida, e ao lerem em pedra sepulchral *aqui jaz Maria de Santo Antonio*, accrescentem commovidos: curada por Santo Antonio viveu á sombra do seu patrocínio, em seus braços morreu e junto d'elle vive no Paraíso.

Ditosa sorte!

*
* *

III — DESCIDA DO BALÃO «SANTOS DUMONT» — DUMONT NO MEIO DOS SEUS AMIGOS E ADMIRADORES — Dumont é um apostolo como para ahí chamam, do progresso que tem occupado no jornalismo, extensas colannas. Europa inteira, e todo o mundo civilisado terá fallado no celebre aëronauta que tantos esforços tem feito para dirigir e equilibrar na atmospheria os aërostatos; este problema cuja solução, não deixa de ser util para o progresso material da humanidade tem permanecido na incognita, não obstante os grandes esforços de muitos intelligentes maniacos por viagens aéreas ou antes famintos de aura no mundo scientifico, na obra de quasi todas as proezas similares.

Mas terá Santos Dumont chegado á realisação dos seus sonhos?

Os entendidos dizem que não, que o problema apesar das affirmações do celebre aëronauta, está ainda por decifrar, que as suas experiencias bem ou mal succedidas, porque de todas tem tido, apenas mostram que Dumont introduziu na aërostatica excellentes melhoramentos, mas que está ainda longe de encontrar um freio que dome e sujeite o balão á vontade do aëronauta.

A este proposito falla assim um dos admiradores entusiasticos de Dumont: «Sejamos francos. Em summa: todos esses trabalhos não passam da categoria de ensaios mais ou menos acertados. Santos tem dinheiro e tenacidade; deu um grande passo

em prol da solução do complicado problema, mas está muito longe ainda de descobrir o que lhe attribuímos».

Estas nossas duas pequenas illustrações aludem ao tão fallado ascenso de dezenove de outubro do anno findo. Santos Dumont comprometteu se, para ganhar o premio de 100:000 francos proposto por Deutsch, a percorrer em meia hora a distancia que vae de Saint-Cloud á torre Eiffel, dando uma volta a esta e regressando ao ponto da partida.

O joven aéronauta satisfaz o compromisso com quarenta segundos apenas de differença, motivada por uma coincidência insignificante a que Deutsch não den importancia.

A nossa primeira gravura representa o regresso e chegada do balão a Saint-Cloud no meio d'uma ovação geral. A segunda representa um grupo copia d'uma photographia estantanea, em que Santos Dumont apparece de braços cruzados com a nota dos 100:000 francos na mão, como que surpreendido da larga generosidade de Deutsch.

Mas problemas de aérostática é o que menos importa á maioria dos leitores o que porém a todos revela, é sabermos dirigir-nos nesta vida, viagem não aérea mas tristemente real; é saber equilibrar a nossa consciencia sobre o fluxo refluxo das paixões, da immoralidade que cresce espantosamente. Este sim que é o problema unicamente necessario e em cuja successão se occupam decididamente bem poucos.

A fome do ouro, o prurido da fama, a ambição do nome historico, seduz os homens de algum engenho, eleva os a preoccuparem-se nas duvidas scientificas mais palpitantes e que melhor armam ao intento; este problema cuja incognita é a felicidade eterna não seduz senão *uns poucos que são chamados a resolvê-lo*.

Temos progredido muito, já andamos por cima e por baixo d'agua, pelo ar e pelo chão, mas progredimos materialmente espiritualmente estacionamos, se é que não temos retrogradado.

Temos a convicção intima dos nossos deveres religiosos, aquella convicção que fez de cada christão um martyr nos tempos primitivos da Igreja, temos a fé pratica o respeito pela religião, o acatamento pelo dogma dos nossos antepassados? E a realza do seculo vinte é submissa ao Pontifice Su-

premo de Roma, são os thronos reaes de hoje formados sob a cadeira Pontificia como os d'outr'ora? Olhamos nós para os mysterios de além campa convictos, seriamente compenetrados do nosso futuro na eternidade? Não é certo até, que este assumpto nada nos preoccupa, que enxotamos da nossa mente a menor lembrança a vida eterna como se fôra um mau pensamento, um mau agoiro?

Responda a cada um por si, mas infelizmente salta aos olhos de quem reflecte sobre o caminho que vae pisando a sociedade hodierna, que paramos no progresso religioso e moral, unico indispensavel para a felicidade das nações e do individuo, ao passo que agigantamos no progresso humanamente scientifico. Não é porque este ponha impeçillo áquelle; a causa está no individuo.

Entregamo-nos totalmente a gastarmos toda a nossa actividade moral na resolução d'este ou d'aquelle problema d'arte ou de sciencia, embebemo-nos no assumpto sem em nada mais pensarmos. D'aqui o esquecimento do que somos, donde viemos e para onde vamos: da nossa origem e do nosso destino ultimo. Nada ha para nós n'este mundo senão a idcia fascinante do progresso, de lançarmos nosso nome á posteridade.

A materialisação do individuo e da sociedade é a primeira consequencia d'isto: Vemol-a manifestar-se por esse indifferentismo religioso por entre riso escarninho da fé e do dogma, pela perseguição religiosa, pelas immoralidades praticadas descancaradamente em todas as classes sociaes.

A causa, repetimos não é das sciencias humanas, é do explorador d'ellas. Não pode por ventura Santos Dumont na barquinha do aerostato lembrar se, ao elevar-se nas camadas atmosphericas, que o céu em cuja direcção corre é a sua patria, que elle é o romeiro que vae em demanda da romaria da eternidade? que a alma é um leve aerostato que tende irresistivelmente para o céu, para Deus, que saber dirigil-a, e conservar-lhe o equilibrio da sorte que pai-re na atmosphaera sobranceira á sociedade corrupta, é a sciencia das sciencias? não póde elle no meio das ovações dos seus admiradores humilhar-se na presença do Creador, engrandecel-o pois lhe deu engenho e talento para se tornar util a seus irmãos e meios de progredir na arte cujos segredos procura devassar?

Pode. O progresso moral casa-se com o progresso humano como a alma com o corpo. Mas porque uma coisa é poder e outra o querer, e porque o individuo não quer e se esquece do que mais lhe devia lembrar, porque progride este e retrograda aquelle materializa-se a humanidade morre-lhe o espirito, a alma, a vida — a moral.

E basta que ainda estão longe os sermões da quaresma e não é azada para missões a época balnear.



Chronica universal (1)

PORTUGAL

Patronatos — Mais escandalos — Victorias na Africa — O que se passa em roda das nossas colonias. — Os patronatos têm em vista subsidiar as familias dos criminosos durante a sua prisão ou o seu captiveiro e proporcionar-lhes trabalho adequado ás suas aptidões, condições phisicas, intellectuaes e profissionaes. Também têm em vista recolher em casas adequadas aos filhos dos criminosos para os educar durante a sua estada na prisão, vigiar, proteger os menores postos em liberdade e principalmente aquelles que não têm familia que os proteja, procurando-lhes uma collocação honesta e condigna. Eis os fins principaes do decreto que emmanou do ministerio da justiça e que estabelece em Portugal officialmente o patronato.

Este diploma merece o applauso de todas as pessoas sensatas e imparciaes pelos fins que tem em vista.

Inspira-se este decreto nos nobres sentimentos da ordem moral, para suavisar as dôres e amarguras de centenaes de desgraçados; funda-se nos principios da verdadeira defesa social e está em perfeita harmonia com as regras d'uma elevada sciencia economica, porque o trabalho de tantos homens abandonados fructifica e torna-se em fontes de receita para o Estado.

As presidencias das commissões de patronato são dadas em Lisboa, a Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha e, na sua falta ou impedimento ao Snr. Arcebispo de Mitylene, no Porto, a Sua Excellencia o bispo d'esta diocese.

Oxalá que este santo movimento em favor dos desgraçados não morra pelo isolamento, como costuma succeder com outros empreendimentos congeneres.

(1) A falta de espaço obrigou-nos a retirar bastante original na secção Bibliographica e Chronica universal, ficando esta sem noticias de Italia, do que pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes.

— Já estavamos fartos d'esses tantos escandalos e a maldita sina que preside aos destinos de Portugal mimoseia-nos com mais um d'alto calibre.

Já sabem os leitores que nos referimos ao celebre caso da fiscalisação de impostos, caso que andou em voga na discussão jornalística, durante mais de oito dias, tempo assás bastante para exgotar por completo o assumpto. Porém o facto é de tal significação que não pode nem deve estar esgotado. O modo como o governo portuguez procedeu não abona o governo nem o prestigio de justiça que deveria n'estes casos ser integralmente mantida. Não se licenceia um grande funcionario publico, sobre o qual recaem gravissimas suspeitas d'um grande roubo. Mas como o réu era um vulto prestigioso da politica regeneradora, armam-se paleativos para encobrir a terrivel mystificação.

E chamam a isto um governo honesto que caminha pelas sendas da *vida nova*?

— Como era de esperar apparecem prodigiosamente como cogumelos no outomno, as victorias no nosso continente negro. Os campos da Guiné, Angola e Moçambique têm sido atravessados pelas nossas armadas, resoando por todos elles o clarim da victoria. E que grandes victorias!

Punhados de pretos mortos, alguns grupos de palhotas queimadas e arrasadas, gallinhas, vacas e porcos apprehendidos, eis em que se cifra o heroismo épico das actuaes campanhas da Africa.

Admiraremos sempre a bravura nunca desmentida dos nossos soldados n'essas pequenas campanhas.

Admiramos ainda a sua dedicacão e heroismo por a patria que tão mal lhe paga, mas dizemos que nessas glorias épicas caminhamos para um grande abysmo ou por uma suprema grandeza.

Que esta é a verdade, o futuro o dirá e como prova veja-se o que se passa em roda das nossas possessões africanas.

Dia a dia se amontoam sinistros negrumes que podem degenerar n'uma furiosa tempestade.

HESPAÑHA

Reforma da Concordata — Reunião do Conselho — Crise. — Já são publicas as bases concernentes a reformar a Concordata que o governo hespanhol apresentou á Santa Sé.

Como era de esperar essas bases estão maliciosamente evadidas do espirito sectario e têm em vista opprimir na Hespanha o Catholicismo e mui principalmente as ordens religiosas.

Eis as bases:

1.^a Supprimir-se-hão as sédes metropolitanas de Granada, Tarragona e Valladolid, levando a metropolitana, a sufragania de Barcelona.

2.^a Suprimir-se-hão 14 dioceses sufraganeas que são: Astorga, Coria, Guadix, Jaca, Menorcha, Mondoñedo, Orense, Plasencia, Taragona, Tortosa, Tuy, Teneriffe, Urgel e Vich.

3.^a Devem ser supprimidas as dignidades de arcediagos e mestre-escolas e as conesias de officio doutoral e leitoral, e um numero de conegos e beneficiados que equivalha á quarta parte dos que hoje estão assignados a cada cathedral. Nas metropolitas se supprimirá a digni-

dade de thesoureiro e na Zaragoza um dos arcebispos

4.^a Devem ser creados conegos honorarios que serão os parochos da cidade onde existe a cathedral.

Todos terão no côro os mesmos direitos, e assistirão a elle nos dias solemnes e quando o prelado os mandar.

5.^a O numero de conegos da cathedral de Toledo será o maximo de vinte; os mesmos haverá em Sevilha e Zaragoza; 16 em Barcelona, Burgos, S. Thiago e Valencia; 14 em Granada, Madrid, Tarragona e Valladolid; 12 em Cadiz, Cordova, Leon, Magala e Oviedo; 10 em Badajoz, Calahorra, Cartagena, Cuecas, Jaen, Zengo, Palencia, Pamplona, Salamanca e Santander, e 8 nas outras suffraganeas.

6.^a Devem ser supprimidas todas as collegiadas, excepto as de Cavadonga, Santo Isidoro de Lion, Roncesvalles, as duas ultimas nomeadas na Bulla *Interplurima* e as de Alcalá de Henares e S. Ildefonso.

7.^a Diminuir-se-ha a estação de culto em 5\$000 pesetas nas egrejas metropolitanas, 3\$000 nas suffraganeas, e 1\$500 nas collegiadas.

8.^a Tirar-se-ha aos Seminarios que ficarem 5\$000 pesetas do que lhes está assignado.

9.^a As dignidades, conegos e beneficiados das cathedraes supprimidas, cobrarão a metade do seu rendimento até que sejam providos.

10.^a Nas dioceses supprimidas tambem se suprimem os Seminarios.

11.^a As cathedraes serão consideradas como parochias maiores e receberão 1\$500 pesetas para o culto além do que já tem assignado.

12.^a Em caso de necessidade serão nomeados bispos auxiliares.

As outras bases da concordata tendem a dar um golpe mortal nas ordens religiosas. Nós não as pomos aqui por extenso porque nos falta completamente o espaço.

— A Santa Sé já enviou ao governo hespanhol a nota em contestação ás bases da concordata. O Gabinete celebrou um conselho para fazer concordar as bases da Concordata com as notas da Santa Sé. Mas ainda que os ministros tenham procurado occulta-lo não ha duvida que chegarão a um completo accordo porque o que se necessita nestas questões é que o governo tenha primeiro que tudo uma opinião, boa ou má porém concreta e unanime, o que não succede ao actual ministerio hespanhol.

— Falla-se muito em crise no reino vizinho, diz-se até que o governo hespanhol não passará de Outubro. Porém estes boatos ora são affirmados, ora são negados pelos mesmos jornaes. Vê-se pois que esses boatos são destituídos de fundamento.

FRANÇA

Ainda a perseguição religiosa — O Tenente-coronel Saint-Rémy — O gabinete de Combes. — Continua na França a estúpida e iniqua guerra contra as congregações religiosas, dando logar a muitos incidentes interessantes alguns bastante significativos para mostrar o estado importantissimo da opinião dos elementos sociaes, opposto completamente aos furores jacobinos

do ministerio Combes. De este ultimo numero é o processo do coronel Saint-Rémy. Este bravo militar recebeu, por meio do general de divisão a que pertence, um officio do prefeito de Morbihan, reclamando a cooperação das forças militares ás suas ordens para que o auxiliassem os gendarmes no vergonhoso trabalho de encerrar os estabelecimentos dos Institutos Religiosos e dispersar a multidão dos catholicos que os defendiam.

O coronel Saint-Rémy, negou-se immediatamente a obdecer a um mandado iniquo, acto grave de indisciplina examinado á luz do Codigo militar, pois não só desobedeceu n'uma cooperação da auctoridade civil, a que estão obrigados os militares, mas que incorria nas penas da insubordinação a um superior hierarchico, que lhe havia transmittido o officio do prefeito.

Saint-Rémy, não procurou, meios subterfugios para explicar o seu modo de proceder, mas com a franqueza propria das almas grandes confessou tudo, reconhecendo que pela primeira vez na sua vida tinha faltado á disciplina militar; porém que o tinha feito, porque julgava na sua consciencia que os deveres de Deus, estão primeiro que os deveres dos homens, como era a cooperação n'um decreto abominavel.

Já se sabe a curiosidade que despertou o processo porque não era já o processo d'um militar mas d'um christão perante a politica. O governo e os demagogos seus sequazes queriam que o coronel Saint-Rémy fosse condemnado, e os catholicos pela sua parte que elle fosse completamente absolvido.

O valente militar foi sujeito a um conselho de guerra, declarando o conselho por unanimidade que «o coronel Saint-Rémy não tinha recusado obedecer a uma ordem do serviço, que lhe tinha sido transmittida pelo chefe immediato, o general Frater. Porém reconhecendo que se tinha negado a assistir a auctoridade civil, o conselho de guerra condemnava o coronel Saint Remy a um dia de prisão em conformidade com os art. 234 e 436 do Codigo Penal e 267 do Codigo da Justiça Militar.

O conselho quiz salvar os foros da disciplina, porém impondo a Saint-Remy uma pequena pena com respeito ao facto manifestou d'uma maneira mais que clara, que o procedimento de Saint-Remy longe de desagradar-lhes, lhes era sympathico e que os decretos de Combes tem contra si a opinião do exercito.



para não supportar as tribulações da sua vida individual, que Deus lhe enviou para os fins que só elle sabe, e que o christão acata, é blasphemar praticamente da Providencia Divina, é dizer com uma acção criminosa que Deus é um tyranno, é um almoz sem piedade para com o homem, que formou d'um barro cuja fragilidade bem conhece, e que acabrunha com sacrificios com um martyrio que ella não pode aguentar. Ora Deus como Pae misericordioso e bom não nos tenta nem nos afflige além das nossas forças. Comtudo o suicida affirma o contrario.

Isto é do cathecismo não se recorda snr. Mestre?

Ha ainda uma razão que para mim é a principal e se o meu amigo creê nos mysterios do além tumulo, na vida eterna con diz o Credo, tambem lhe dará pezo.

E' que o suicida perde quasi infallivelmente a felicidade eterna para que todos fomos creados e a que aspiramos afadigadamente.

Ja vê o meu amigo que os moralistas nada têm a investigar sobre este ponto de moral: é patente a lei natural, os direitos de Deus, da sociedade e do mesmo individuo e todos elles anathematizam o suicida.

Quanto ao ser o suicidio um *crime* ou *simplex má acção*, para nós é tudo o mesmo, porque afinal como diz o meu Diccionario do snr. Candido de Figueiredo — crime é a transgressão d'um preceito legal — e uma acção má, simples ou composta que seja, é sempre a transgressão d'um preceito divino ou humano; um acto que não offende uma lei é um acto indifferente e não mau. Chame-lhe pois o meu amigo como quizer: crime ou simplesmente acção má contanto que não fique entendendo por uma *simplex má acção* uma banalidade, um nada, um escrupulo de beata mas sim uma acção má das más perante a moral.

Mais abaixo o jornalista incognito investigando com certas apparencias scientificas a causa do suicidio diz isto:

«... O suicidio sendo consequencia do mais livre arbitrio, está necessariamente sujeito como todas as acções humanas á influencia dos costumes, das crencas, da virtude, da *coragem* e do *heroismo*. Do heroismo sim; porque é *incontestavelmente heroe* aquelle que *attenta permeditadamente contra o arraigadissimo instincto da conservação*!!

Um heroismo o suicidio!!! Esta é que eu não esperava ouvir! E depois de dizer que o suicida attenta contra o arraigadissimo instincto da conservação. Oh homem de Deus se o suicida attenta contra o instincto natural da conservação, ou por outras palavras, se commette um grave crime contra a lei natural, o que é o mesmo, esse homem é um criminoso. E já foi algum dia o crime um heroismo! Ora valha o Deus, esta escapou ao snr. Mestre-Escóla.

Um suicida um heroe! Esta não me pode esquecer.

Ora supponha o seguinte conto.

Eram uma vez dois irmãos.

Chegados aos vinte annos assentaram praça e passados dois, viram-se obrigados a fazer parte d'uma campanha contra uma potencia estrangeira. O mais novo bateu-se corajosamente; o mais velho um poltrão, mui tímido um Maria Zé desertou.

Qual lhe parece dos dois ser o heroe? o mais velho que temeu as balas e fugiu á morte, não acha?

Outro caso. Era marido e mulher. Debaixo d'aquelle tecto soava continua barulheira de pancadaria e vozes. Um dia o marido não podendo aturar a companhia tão ruim como elle deixa o lar domestico e divorcia-se d'ella deixando a na miseria com os filhos.

Praticou um heroismo? Se tivesse soffrido o genio da sua consorte para não dar escandalo á vi-

sinhança e não deixar os filhos e mãe a morrer á fome faria uma acção indifferente, hein?

Não sei se vae entendendo.

Para mais clareza lá vae um apologo.

Vinham d'uma varzea por um monte, costa acima um cavallo fino e possante com uma carga em cima dos gordos hombros, ia a par um jumentito com os ossos a sahir pela pelle com equal pezo sobre as costellas que se contavam a leguas de distancia. Poucos passos dados a possante besta faz-se manhosa torpeça e cae e por mais que o camponez lhe malha a bom malhar não consegue erguel-a; foi necessario alliviar-lhe a carga. O begueirito ao contrario perna teza tuc, tuc, põe-lhe a carga em casa.

Ouviu, qual dos dois foi o heroe? Talvez o cavallo podricião?

— Não senhor, heroe foi o burro que aguentou com a carga.

Pois igualmente; entre dois homens de vida igualmente atribulada heroe será aquelle que arrosar com ella, cobarde o que para se esquivar ao pezo do soffrimento se priva da vida.

Estamos entendidos snr. Mestre Escóla não é verdade?

Fiquemos por aqui e quando o snr. professor quizer para botar figura escrever sobre o suicidio em algum jornal dirá: que apezar de Littré, Jacques Rosseau e outros quejandos do mesmo farello defenderem o suicidio, os philosophos de senso e os moralistas christãos com o senso commum da humanidade regeitam no com horror, como uma cobardia, como um ultrage feito a Deus, ao homem, á sociedade e á natureza.

Tome isto de cor para si e quando ensinar o cathecismo aos alumnos da sua escóla não os ensine a suicidarem-se quando não passados tempos fica sem discipulos, e sem elles não ha escólas e sem estas não ha patacos para mestres-escólas; explique-lhes ao contrario os pontos que acaba de notar lhe.

Adeus e amigos como dantes.

O CHRONISTA DA «VOZ».



A Pia Obra dos Sellos Usados

Recommendamos á caridade dos nossos bons leitores e amigos esta piedosa obra que modesta na apparencia, é d'um grande alcance, uma fonte de riqueza para a propagação da fé no ultramar.

Pela relação vêem os leitores o quanto tem diminuido o interesse por esta sympathica obra de caridade:

Janeiro

	Sellos bilhetes
Da Ex ^{ma} Sr. ^a D. Marianna de Jesus Coimbra, (Torre Deita) Ramal de Vizeu.	135

Fevereiro

Do Sr. Constantino d'Abreu (Braga)	210
------------------------------------	-----

Abril

D. Marianna de Jesus Coimbra, (Torre Deita)	280
Padre Alexandrino A. d'Almeida Rainha (Povoá do Varzim) ..	265
Padre José Ribeiro, Abbade de Cer-va, (Ribeira de Pena).	250
Padre José Manoel Fernandes, Reitor de Forjães (Espozende) . .	390 100
D. Anna Braga Ramalhetete, (Braga)	198 1

Maio

Theodoro João Henriques, (Funchal)	1:100	
D. Maria de Jesus dos Santos Ferreira Neves, (Nine)	510	
Postaes		46
D. Maria Domingas Duarte, (Atalaia da Lourinhã)	1:000	
	<hr/>	
	2:610	

O Agente em Braga,
José Fernandes Braga.
Rua das Aguas, 19.



Aos nossos assignantes

Lembramos que o *sur. Germano da Silva* que por muitos annos fez parte activa do quadro administrativo da «Voz de Santo Antonio», estabeleceu-se n'uma empreza á parte, sobre a qual a «Voz de Santo Antonio» não tem responsabilidades absolutamente nenhuma.

Aproveitamos o ensejo para pedirmos desculpa aos nossos dedicados correspondentes e aos nossos numerosos assignantes — de quaesquer irregularidades que por este motivo hajam succedido no bom andamento administrativo da «Voz de Santo Antonio.»

Pedimos novamente que toda a correspondencia relativa á «Voz de Santo Antonio» seja unica e exclusivamente dirigida ao Rev.º Padre Director da «Voz de Santo Antonio» — Braga.

Rogamos ainda aos nossos bons assignantes que façam acompanhar o pagamento das assignaturas e outras cartas de importancia do respectivo numero da «Voz de Santo Antonio».

J. K. Huysmans

A CAMINHO

(CONFISSÕES)

Tradução de B. da Costa Pereira — Povo de Varzim, Livraria Povoense editora de José Pereira de Castro.

D'esta acreditada casa editora recebemos agora esta boa obra que apreciaremos no numero seguinte d'esta revista.

Collecção de cantos religiosos, para a novena e vespersas da Immaculada Conceição.

— Homenagem a Jesus Redemptor ao findar o seculo XIX — Cantos religiosos.

— Hosana patriarcha — Marsehe Pastoral — Piano e Canto

POR

PEDRO ANTONIO LOPES

Director de musica da Sé e do Seminario Patriarchal de Góa

Vendem-se n'esta Redacção.

FLORILEGIO

DE

MUSICAS RELIGIOSAS

Contendo Canticos Ecclesiasticos, á Capella, e Populares
Com acompanhamento de Orgão ou Piano

POR

CESAR DAS NEVES

Professor das aulas de musica do Lyceu da V. O. 3.ª da Nossa Senhora do Carmo do Porto

A Grandiosa Obra de Santo Antonio

E' um livrinho de 64 paginas, com umas lindas capas a chromolithographia, contendo — *Noticia sobre o Pão dos Pobres — Pia União de Santo Antonio — Vida de Santo Antonio — Trezena em honra de Santo Antonio e mais algumas devoções.*

E' um livrinho que esperamos vêr lido por todos.

A isso se destina pelo seu todo, até pelo preço que é só de 50 réis.

Quem o adquirir verá se não deu por bem empregada esta quantia.

As Angustias do Coração de Maria

Um excellente livrinho proprio para os devotos das dôres de Nossa Senhora. — Preço 100 réis.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.º Padre Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

Assignatura. — 1\$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes, para os demais paizes accresce o importe do correio